



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

REGINA CELLY CIRIACO DE MELO MATIAS

**LEITURA E ANÁLISE DE CHARGES COM FUNDAMENTOS NA TEORIA
SEMIÓTICA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

Recife
2021

REGINA CELLY CIRÍACO DE MELO MATIAS

**LEITURA E ANÁLISE DE CHARGES COM FUNDAMENTOS NA TEORIA
SEMIÓTICA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado Profissional em Letras
(PROFLETRAS), da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito para a obtenção
do título de Mestre em Letras. Área de
concentração: Linguagens e Letramentos.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Carlos de Moura

Recife

2021

Catálogo na fonte
Bibliotecária Lillian Lima de Siqueira Melo – CRB-4/1425

M4331 Matias, Regina Celly Ciriaco de Melo
Leitura e análise de charges com fundamentos na teoria semiótica: uma contribuição para o ensino de língua portuguesa / Regina Celly Ciriaco de Melo Matias. – Recife, 2021.
93f.: il.

Sob orientação de Adriano Carlos de Moura.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Mestrado Profissional em Letras, 2021.

Inclui referências e apêndices.

1. Linguagens e letramentos. 2. Semiótica. 3. Charge - significação. I. Moura, Adriano Carlos de (Orientação).II. Título.

400 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2022-131)

REGINA CELLY CIRÍACO DE MELO MATIAS

**LEITURA E ANÁLISE DE CHARGES COM FUNDAMENTOS NA TEORIA
SEMIÓTICA: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DE LÍNGUA
PORTUGUESA**

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) na unidade da Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, como requisito para a obtenção do título de Mestre Profissional em Letras. Área de concentração: Linguagens e Letramentos.

Aprovado em: 20/12/2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adriano Carlos de Moura (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Dr^a Maria Clara Catanho Cavalcanti (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a Dr^a Wilma da Silva Ribeiro (Examinadora Externa)
Instituto Federal de Pernambuco

Dedico aos meus pais, Juarez e Socorro; ao meu esposo, Fabiano Matias a minha filha, Laura Regina e minha irmã, cunhado e sobrinha, Magali, Gilberto e Allana.

AGRADECIMENTOS

À minha filha, Laura Regina, e ao meu esposo, Fabiano Matias pela compreensão nos momentos de ausência e pelo carinho que sempre me dispensaram.

À minha mãe, Socorro, e ao meu pai, Juarez, pelo apoio em todos os momentos.

À minha irmã, Magali, ao meu cunhado, Gilberto, e a minha sobrinha, Allana, que me ajudou com carinho e amor durante minhas ausências.

Ao meu orientador, Professor Adriano Moura, pelos ensinamentos, pela orientação, pelo tempo dedicado a esta empreitada, e, sobretudo, compreensão no período das minhas ausências, por todas as palavras de motivação, quando eu estava desanimada e por acreditar em mim.

Aos amigos que fiz durante as disciplinas que cursei no processo de mestrado, com destaque para: Rafael, Edilene, Sheyse, Ada, Leidiane, Niedja e Claudia Bezerra.

Entre esses amigos, dedico atenção especial a Rafael, Edilene e Sheyse, por todas as conversas, ligações e chamadas de vídeo via WhatsApp, nesse momento tão difícil de Pandemia do Novo Coronavírus

Aos professores do profletras da UFPE, por toda compreensão e dedicação com a turma seis.

Enfim, a todos que contribuíram de alguma forma para a feitura deste trabalho.

RESUMO

A Charge é um gênero textual que, em seu conteúdo temático, aborda temas atuais, informações que estão sendo divulgadas na mídia e quase sempre utiliza a linguagem verbal e a linguagem não verbal, exigindo, assim, que, para sua compreensão, o leitor desenvolva uma competência crítica. O presente trabalho se propõe a elaborar oficinas de leitura, como ferramenta didático-metodológica de textos para a compreensão global dos sentidos em textos com múltiplas semioses, mais especificamente, na interpretação do gênero Charge. As oficinas propostas poderão ser aplicadas em turmas do módulo 5 da Educação de Jovens e Adultos, que corresponde aos anos finais (8º e 9º ano) do Ensino Fundamental. Buscamos, especificamente, analisar quais os actantes fazem parte da narrativa a partir do percurso gerativo da significação, inferir quais as escolhas feitas pelos sujeitos da enunciação que estabelecem no plano discursivo, ou seja, na superfície do texto, e identificar a oposição elementar (binária) que subjaz o texto no nível fundamental das etapas do percurso gerativo da significação. Para isso, essa pesquisa fundamenta-se sobre as contribuições da semiótica, sobretudo com Greimas & Courtés (1983), Barros (2002; 2005) e Fiorin (2009; 2012). Como procedimento metodológico, nossa pesquisa tem caráter qualitativo e será proposta a partir da leitura e análise de charges com a temática do meio ambiente, o material analisado será uma proposta didática que propõe a aplicação de oficinas de leitura de charges com os alunos. Diante disso, pretendemos, através da análise semiótica, ampliar a competência leitora, através da elaboração de oficinas de leitura, como ferramenta didático-metodológica que auxiliem na compreensão global dos sentidos semióticos do gênero charge, proporcionado ao leitor ativo a possibilidade de construir sentidos a partir de um repertório de conhecimentos que compreendam o funcionamento da linguagem em diferentes esferas da atividade humana.

Palavras-chave: Semiótica; Percurso Gerativo da Significação; Charge; Ensino.

ABSTRACT

Charge is a textual genre that, in its thematic content, addresses current issues, information that is being disseminated in the media and almost always uses verbal and non-verbal language, thus requiring that, for its understanding, the reader develops a critical competence. The present work proposes to elaborate reading workshops, as a didactic-methodological tool of texts for the global comprehension of the meanings in texts with multiple semiosis, more specifically, in the interpretation of the genre Charge. The proposed workshops can be applied in classes of module 5 of Youth and Adult Education, which corresponds to the final years (8th and 9th year) of Elementary School. We specifically seek to analyze which actants are part of the narrative from the generative path of meaning, infer which choices made by the subjects of the enunciation they establish on the discursive level, that is, on the surface of the text, and identify the elementary opposition (binary) that underlies the text at the fundamental level of the stages of the generative path of meaning. For this, this research is based on the contributions of semiotics, especially with Greimas & Courtés (1983), Barros (2002; 2005) and Fiorin (2009; 2012). As a methodological procedure, our research has a qualitative character and will be proposed from the reading and analysis of cartoons with the theme of the environment, the analyzed material will be a didactic proposal that proposes the application of cartoon reading workshops with students. Therefore, we intend, through semiotic analysis, to expand the reading competence, through the development of reading workshops, as a didactic-methodological tool that help in the global understanding of the semiotic meanings of the cartoon genre, providing the active reader with the possibility of building meanings to from a repertoire of knowledge that understand the functioning of language in different spheres of human activity.

Keywords: Semiotics; Meaning Generative Path; Cartoon; Teaching.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Octógono Semiótico.....	21
Figura 2 – Axiologia e formas de avaliação do discurso.....	40
Figura 3 – O percurso gerativo da expressão.....	41
Figura 4 – Óleo nas praias.....	59
Figura 5 – Octógono semiótico – Atitude X Passividade.....	60
Figura 6 – Manchas.....	64
Figura 7 – Octógono semiótico – combate X Distanciamento.....	65
Figura 8 – Charge O tempo 26/10/2019.....	67
Figura 9 – Octógono semiótico Prisão X liberdade.....	68
Figura 10 – Charge O tempo 26/10/2019.....	76
Figura 11 – Manchas.....	78
Figura 12 – Óleo nas praias.....	80

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipos de Manipulação.....	24
Quadro 2 – Percurso Gerativo da Significação.....	28
Quadro 3 – Tipos Textuais.....	38
Quadro 4 – Modalizações.....	39
Quadro 5 – Atos de linguagem (discursos).....	39
Quadro 6 – Planos de imanência.....	42
Quadro 7 – Ilustração das Oficinas.....	71
Quadro 8 – Plano de curso da Oficina 1.....	72
Quadro 9 – Plano de curso da Oficina 2.....	74
Quadro 10 – Plano de curso da Oficina 3.....	76
Quadro 11 – Plano de curso da Oficina 4.....	78

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	SEMIÓTICA E O ENSINO DE GÊNEROS.....	19
2.1	SEMIÓTICA DISCURSIVA.....	19
2.2	SEMIÓTICA E ENSINO.....	30
2.3	A NOÇÃO DE GÊNERO NA SEMIÓTICA.....	34
2.4	O GÊNERO CHARGE.....	42
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	54
3.1	TIPOLOGIA DA PESQUISA.....	54
3.2	DESCRIÇÃO DO <i>LÓCUS</i> E DO PÚBLICO-ALVO.....	56
3.3	DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS CHARGES COM BASE NA SEMIÓTICA DISCURSIVA.....	58
3.4	OFICINAS.....	70
3.4.1	1ª OFICINA: Conhecendo o gênero charge.....	72
3.4.2	2ª OFICINA: Percebendo as oposições binárias elementares das charges.....	74
2.4.3	3ª OFICINA: Reconhecendo os actantes presentes na narrativa.....	76
2.4.4	4ª OFICINA: Identificando as escolhas discursivas do sujeito da Enunciação.....	78
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
	REFERÊNCIAS.....	83
	APÊNDICE A - 1ª OFICINA: CONHECENDO O GÊNERO CHARGE – ILUSTRAÇÃO DAS OFICINAS.....	88
	APÊNDICE B - 1ª OFICINA: CONHECENDO O GÊNERO CHARGE – PERGUNTAS.....	89
	APÊNDICE C - 1ª OFICINA: CONHECENDO O GÊNERO CHARGE – MANCHETES DE JORNAIS.....	90
	APÊNDICE D - OFICINA: PERCEBENDO AS OPOSIÇÕES BINÁRIAS ELEMENTARES DAS CHARGES.....	91
	APÊNDICE E - 3ª OFICINA: RECONHECENDO OS ACTANTES PRESENTES NA NARRATIVA.....	92
	APÊNDICE F - 4ª OFICINA: IDENTIFICANDO AS ESCOLHAS DISCURSIVAS DO SUJEITO DA ENUNCIÇÃO.....	93

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), o Brasil ficou na 59ª posição em proficiência em leitura, na penúltima edição, conduzida em 2015 e aplicada em 70 nações. Uma das dificuldades demonstradas pelos alunos verificada durante a aplicação dessas provas foi a de compreender o que se pede nos enunciados das questões.

Esses resultados direcionam-nos para uma reflexão acerca do que tem sido objeto de estudo nas aulas de Língua Portuguesa no eixo de leitura, pois os alunos chegam ao final do Ensino Fundamental demonstrando grande dificuldade para compreender as práticas de linguagem que envolvem a interação entre leitor/ouvinte/espectador com textos escritos, orais e multissemióticos.

Diante dessa realidade, nós propomos, neste trabalho, dentro do campo da Semiótica Discursiva Francesa, com base nos estudos de GREIMAS (2014), FIORIN (2018) e BARROS (2002), realizar uma proposta didático-metodológica de intervenção através de oficinas de leitura semiótica de charges publicadas sobre a temática do meio ambiente em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) anos finais, do Ensino Fundamental. Desse modo, verificamos a compreensão dos alunos com relação ao sentido global do texto, e buscamos auxiliá-los na realização de uma leitura que ultrapasse o óbvio e os auxilie na leitura do mundo que os cerca.

O nosso interesse pelo assunto partiu da prática docente em uma turma do módulo 5, na qual os estudantes têm entre 14 e 17 anos de idade e cumprem medidas socioeducativas no CASE (Centro de Atendimento Socioeducativo), no município do Jaboatão dos Guararapes. A unidade está vinculada à Escola Estadual Frei Jaboatão, e, após a realização de uma atividade sobre a compreensão leitora do gênero charge, que envolve a linguagem verbal e não verbal de textos, percebemos que houve grande dificuldade dos alunos em se apropriar do sentido global do texto e de realizar uma leitura crítica do gênero charge, identificando os implícitos e os efeitos de ironia e humor. Portanto, é pertinente o que afirma TEXEIRA (2009):

Ler o texto visual, assim, é sempre considerar que o conteúdo se submete às coerções do material plástico e que essa materialidade também significa. Para além de observar linhas, volumes e cores, será preciso adotar uma metodologia de análise que opera com categorias específicas, cada vez mais bem formuladas pela semiótica plástica, que analisa sistemas semisimbólicos. (TEXEIRA, 2009, p. 3)

Entendemos que, para isso acontecer, seria importante se utilizar uma estratégia de leitura estruturada como a que é proposta pela semiótica francesa, pois, assim, os alunos seriam capazes de se tornar leitores autônomos e de compreender textos diversos. Para Fiorin (2018, p. 9), é muito comum ouvirmos professores dizendo que, para compreender e interpretar textos, é necessário ter sensibilidade, além de ser necessário lê-lo várias vezes. Foi pensando assim, que resolvemos refletir sobre o processo de leitura na escola e nos questionamos: como fazer com que, durante as aulas de Língua Portuguesa, o processo de leitura seja capaz de diminuir as dificuldades encontradas pelos alunos para que estes se tornem leitores críticos, ou seja, sujeitos que entendam os mecanismos que o enunciador utiliza para construir e estabelecer o texto e comunicá-lo ao enunciatário.

Tentando responder a esse questionamento, propomos, neste trabalho, a elaboração de oficinas de leitura, como ferramenta didático-metodológica de textos para a compreensão global dos sentidos em textos com múltiplas semioses, mais especificamente, na interpretação do gênero Charge. As oficinas propostas foram aplicadas em turmas do módulo 5 da Educação de Jovens e Adultos, que corresponde aos anos finais (8º e 9º ano) do Ensino Fundamental.

A escolha do referido módulo se deu pelo fato de trabalhar com essa turma do Case (Centro de Atendimento Socioeducativo) Jaboatão dos Guararapes, da escola estadual Frei Jaboatão, localizada no município do Jaboatão dos Guararapes, e, perceber a dificuldade dos estudantes com relação ao processo de compreensão textual, pois algumas vezes não assimilam os elementos sintáticos e semânticos, que contribuem para o sentido do texto, além de não compreenderem o discurso como elemento cultural que faz relação dialógicas com outros textos, e/ou são produzidos a partir de condicionantes históricas, sempre produzidos em um determinado contexto sócio-histórico-ideológico. Nossa ideia é enfatizar o domínio dos três níveis de leitura: Nível Fundamental, Nível Narrativo e Nível Discursivo propostos pela semiótica greimasiana, de forma que se possibilite aos alunos a compreensão global do texto e, conseqüentemente, fazer com que estes sujeitos ampliem suas ideias, ou seja, suas possibilidades de interpretação do mundo a sua volta.

Com este estudo, temos, então, o intuito de contribuir para momentos de leitura crítica dentro da escola, nos quais os alunos estejam envolvidos num processo de

escolhas da narratividade e da discursividade. Desse modo, nossa pesquisa teve a finalidade de ressaltar as diferentes formas de veiculação do sentido no texto verbal e não verbal. Dessa maneira, encontramos, no gênero charge um ambiente favorável para tal manifestação.

Para isso, nosso suporte teórico foi a Semiótica do Discurso, iniciada por Algirdas Greimas, que se dedica a realizar o projeto semiológico tomando por base algumas concepções saussurianas de estudo da linguagem. Quando Saussure pretendia criar uma teoria da linguagem, ele conscientemente, sabia que não era possível realizar um estudo apenas da linguagem verbal, por isso, ele propôs que a Linguística fosse parte de uma ciência mais geral, a Semiologia, que estuda a vida dos signos nos espaços sociais.

Assim, Greimas apropria-se da noção saussuriana de *valor* e apresenta um princípio de que a ciência proposta por Saussure deveria não só estudar os signos, mas a significação. Dessa maneira, a semiótica vai se interessar pela arquitetura textual que produz o sentido. Para a semiótica, o sentido não surge de um elemento isolado, mas de uma relação entre, no mínimo dois termos. Então, afirmar apenas que o sentido é objeto da semiótica, não estaríamos deferenciando a de outra ciência, logo, é a abordagem relativa de um sentido manifestado no discurso que será a inspiração da semiótica. Assim, a significação não é o conceito, mas são "valores linguísticos definidos pelas posições relativas das unidades no interior do sistema" (HJELMSLEV, 1991, p. 38).

Diante disso, mediante essa abordagem semiótica, o *corpus* estudado foi analisado a partir da construção de conceitos, das condições de uso e das condições do sentido. Para isso, corroboramos com Greimas e Courtés (1979, p. 327), que estabelecem que o estudo da significação deve atender as três condições: ser sintagmático, ser gerativo e ser geral.

O texto é sintagmático, porque a semiótica o estuda como um todo de significação, não quer dizer que analisaremos o texto como uma sucessão de frases, ou como uma grande frase, mas pelo fato de ser sintagmático, o objeto de pesquisa será os procedimentos linguísticos de construção de sentido, para isso, analisaremos mais como ele faz para dizer o que diz, focando menos no que ele diz. Quanto à condição de ele ser gerativo, é atribuído um percurso ao texto, esse percurso vai de um nível de análise mais abstrato e simples ao mais concreto e complexo. Segundo Fiorin, isso permite estudar a significação em níveis de invariância crescente. Na

condição do estudo da significação ser geral, o texto pode manifesta-se por diferentes planos de expressão simultâneos ou não.

Portanto, a Semiótica é uma ciência que abrange a totalidade das linguagens, pois essas existem com o objetivo de criar sentido. Como observa Hjelmslev (1975, p.113) a linguagem é tomada de sentido amplo, operando em dois planos: o da expressão e do conteúdo portanto, a semiótica tem por objetivo descrever e explicar os mecanismos discursivos que se manifestam textualmente. Nessa perspectiva, a BNCC afirma:

Os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas. A seleção de habilidades na BNCC está relacionada com aqueles conhecimentos fundamentais para que o estudante possa apropriar-se do sistema linguístico que organiza o português brasileiro. (BNCC, p.82).

É a partir dessa proposta que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) norteia os currículos dos sistemas e redes de ensino das Unidades Federativas, como também as propostas pedagógicas de todas as escolas públicas e privadas de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, em todo o Brasil. Este documento apresenta como perspectiva teórica para o ensino de Língua Portuguesa uma abordagem enunciativo-discursiva de linguagem. Tal proposta centraliza o texto como corpus de trabalho para o ensino de Língua Portuguesa, relacionando-o a seus contextos de produção, e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses.

Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza” (BRASIL, 2013)³, mostrando-se também alinhada à Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU)⁴ (BNCC, p. 7)

Nesse sentido, esse trabalho tem muito a contribuir com a formação de leitores, pois apresentaremos uma proposta que possibilitará a leitura como processo de interação para o desenvolvimento do senso crítico, principalmente, quanto ao tema do Meio Ambiente, o qual é tema de todas as charges selecionadas.

Ainda com relação ao eixo de Leitura, a BNCC considera leitura no sentido mais amplo. Para este documento, é possível fazermos a leitura de textos escritos, de imagens estáticas ou em movimento e, até mesmo, do som. A BNCC, também traz como competência específica para o ensino de língua no ensino fundamental, a utilização de diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Ademais, o documento norteador para unidades socioeducativas, ou seja, a proposta pedagógica dos Centros de Atendimento Socioeducativos (CASE), de Pernambuco, no eixo temático 7, destaca o protagonismo infanto-juvenil, o patrimônio histórico e a consciência ambiental. Desse modo, a proposta pedagógica dos CASEs se propõe a uma concepção de ensino que possibilita o debate em torno das questões que proporcionem aos estudantes afirmação dos direitos humanos e do ser social. Assim, através da leitura das charges com a temática voltada para o meio ambiente, pretendemos que os alunos desenvolvam uma atitude cidadã diante das questões ambientais.

Esta temática não é algo novo. No Brasil, a obrigatoriedade de promover a Educação Ambiental (EA) em todos os níveis de ensino inicia-se com a Constituição Federal de 1988 (Cap. VI, art. 225, parágrafo 1, inciso VI):

Art. 225. Todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao Poder Público e à coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

§ 1º Para assegurar a efetividade desse direito, incumbe ao Poder Público: VI - promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente. (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL)

O tema, também, é apresentado nos Parâmetros Curriculares Nacionais do MEC - PCN (BRASIL, PCN, 1997), consolidando-se como política pública com a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, regulamentada em 2002.

A principal função do trabalho com o tema Meio Ambiente é contribuir para a formação de cidadãos conscientes, aptos a decidir e atuar na realidade socioambiental de um modo comprometido com a vida, com

o bem-estar de cada um e da sociedade, local e global. Para isso é necessário que, mais do que informações e conceitos, a escola se proponha a trabalhar com atitudes, com formação de valores, com o ensino e aprendizagem de procedimentos. É esse é um grande desafio para a educação. (PCNs NACIONAIS, 1997, p. 187)

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. Art. 2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal. Art. 3º Como parte do processo educativo mais amplo, todos têm direito à educação ambiental. (Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, regulamentada em 2002)

Diante dessa realidade, a presente pesquisa se justifica, além das razões acima listadas, pela importância de cooperar com os alunos nos aspectos da competência leitora em textos que envolvam a linguagem verbal e a linguagem não verbal, utilizando o percurso gerativo da significação da Semiótica Discursiva. O gênero selecionado foi a Charge, uma vez que esta, muitas vezes, envolve esses dois tipos de linguagem.

Além de apresentarem desenhos humorísticos, caricaturas e, geralmente, criticarem um fato ou acontecimento específico, abordarem temas sociais, econômicos e, sobretudo, políticos, através do humor, da ironia e da sátira. A temática escolhida para charges foi o discurso socioambiental, visto que a escola está inserida no município do Jaboatão dos Guararapes, o qual tem desenvolvido vários programas para melhorar a limpeza urbana, embora ainda falte muita consciência ambiental por parte da população do município.

Segundo pesquisa do Instituto Trata Brasil, em 2018, por exemplo, 80,8% da parcela da população do município não tinha coleta de esgoto; bem como apenas, 78,8% tinha acesso à água, e, ainda assim, de forma precária. Ademais, na Bacia do rio Jaboatão, estão duas importantes áreas industriais: uma que se estende desde o distrito de Prazeres até o distrito de Pontezinha, no Cabo de Santo Agostinho; e outra, no distrito do Curado, ao longo da BR 232. Todo esse complexo industrial traz um enorme prejuízo ambiental para o município como: poluição do ar e do Rio Jaboatão, assoreamento das margens do Rio e de seus afluentes etc. Um outro problema de degradação do meio ambiente é a disposição do lixo, uma vez que a falta de educação

ambiental das pessoas provoca um grande acúmulo de detritos ao longo das margens dos rios e em áreas densamente povoadas, como loteamentos e bairros de baixa renda. A falta de saneamento traz sérios problemas à saúde, tais como: dengue, leptospirose e diarreia. Além disso, durante o período de chuvas, o município sofre com muitos pontos de alagamentos.

Devido à falta de educação ambiental da população, o município do Jaboatão dos Guararapes sofre com impactos socioambientais como; perda da biodiversidade no Rio Jaboatão e afluentes, descarte irregular do lixo, a situação da limpeza urbana que é muito precária, gerando assim, um acúmulo de detritos, atraindo a presença de animais sinantrópicos, os quais alguns deles são prejudiciais à saúde humana sendo potenciais vetores de doenças.

Portanto, o objetivo geral é elaborar oficinas de leitura, como ferramenta didático-metodológica de textos, que possam auxiliar os alunos na compreensão do sentido global do gênero charge utilizando o domínio dos níveis de leitura da Semiótica Discursiva. Nesse sentido, definimos como objetivos específicos:

- Elaborar atividades que façam os alunos perceber em quais actantes fazem parte da narrativa a partir do Percurso Gerativo da Significação das charges selecionadas em nosso *corpus*.
- Criar oficinas que despertem nos educandos à percepção das escolhas feitas pelos sujeitos da enunciação que se estabelecem no plano discursivo, ou seja, na superfície do texto.
- Propor atividades que possam conduzir o educando à Identificação da oposição elementar (binária) que subjaz o texto no Nível Fundamental do Percurso Gerativo da Significação.

Nesse sentido, esperamos, através dessa pesquisa, contribuir positivamente para com o ensino de língua materna apresentando práticas de leitura no gênero Charge através da Semiótica Discursiva, além de possibilitar uma visão consciente e crítica quanto ao tema da educação socioambiental.

O trabalho organiza-se em quatro seções. Na primeira seção, apresentaremos os objetivos da pesquisa e a organização estrutural do trabalho. Na segunda, discorreremos a respeito da Semiótica Discursiva e damos ênfase nos níveis do Percurso Gerativo da Significação, abordamos o gênero Charge: conceito, características, contexto de produção e de circulação, a visão de gênero para

Semiótica Discursiva e as contribuições da Semiótica para o ensino de língua portuguesa. Na terceira, abordamos aspectos de natureza metodológica, e, por fim, uma proposta de intervenção.

2 SEMIÓTICA E O ENSINO DE GÊNEROS

2.1 SEMIÓTICA DISCURSIVA

A Semiótica Francesa tem como objetivo o estudo do texto, logo essa teoria descreve e explica os mecanismos comuns que estabelecem o texto como um todo de sentido. Assim, estuda os mecanismos de construção de sentido internos e externos dos textos.

Desse modo, para fundamentar a pesquisa-ação que ora se delinea, inserida no campo da Semiótica Discursiva, optamos pelos estudos de Greimas (ANOS??), que descreve e explica o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz. Para a semiótica, segundo BARROS (2002, p.07), texto deve ser estudado como objeto de significação e objeto de comunicação. Assim, estudaremos as estruturas textuais e os elementos discursivos que constituem o texto.

Como afirmam Greimas e Courtés(1983, p.461),

Textualização é o conjunto dos procedimentos - chamados a se organizarem numa sintaxe textual - que visam à constituição de um contínuo discursivo, anteriormente à manifestação do discurso nesta ou naquela semiótica (e, mais precisamente, nesta ou naquela língua natural). O texto assim obtido, uma vez manifestado como tal, assumirá a forma de uma representação semântica do discurso.

Nesse sentido, uma análise textual deve ser gerativa, pois explica a significação por meio de uma abstração chamada “percurso gerativo” que vai de um nível mais simples a um nível mais complexo, sendo que cada nível consiste em uma estrutura sistemática que explica determinados aspectos do sentido que constituem o texto. Caracteriza-se, também, por estudar a produção e a interpretação do discurso, indo além das unidades lexicais, portanto é sintagmática, assim, o fato de ser sintagmática há uma preocupação com a relação estabelecida entre os elementos, ou seja a arquitetura textual que produzirá a construção de sentido.

Por último, deve ser também geral, ou seja, admitir a pluralidade de formas de expressão. Isso significa que o sentido global do texto pode incluir diferentes planos de expressão (verbal ou não verbal).

É através do estudo de textos que os educandos desenvolvem a competência leitora e ampliam seu conhecimento de mundo. Uma vez que a língua se materializa nos diversos textos, é impossível se comunicar se não for por meio destes. De acordo com MARCUSCHI, (2008, p, 71 e 72):

Todos nós sabemos que a comunicação linguística (e a produção discursiva em geral) não se dá em unidades isoladas, tais como fonemas, morfemas ou palavras soltas, mas sim em unidades maiores, ou seja, por textos. E os textos são, a rigor, o único material linguístico observável, como lembram alguns autores.

Dessa forma, a semiótica se preocupa em estudar o texto em seu plano do conteúdo sob a forma de um percurso gerativo. Nesse percurso gerativo há os três níveis: nível Fundamental, nível Narrativo e nível Discursivo e em cada nível há um elemento sintático e um elemento semântico. Como definem Greimas e Courtés(1983, p.206):

A economia geral de uma teoria semiótica (ou apenas linguística), vale dizer, a disposição de seus componentes, uns com relação aos outros, e isso na perspectiva da geração, isto é, postulando que, podendo todo o objeto semiótico ser definido segundo o modo de produção, os componentes que intervêm nesse processo se articulam uns com os outros de acordo com um 'percurso' que vai do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto.

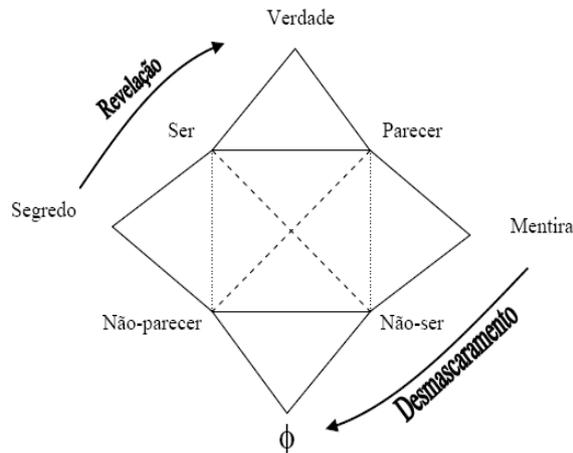
Os três níveis do percurso gerativo da significação são assim definidos:

Nas três etapas do percurso gerativo, há uma gramática autônoma, apesar de corroboramos que o sentido do texto depende da relação entre os níveis. No primeiro nível, o fundamental, há a significação, ou seja, nele encontramos as oposições binárias. No nível narrativo, a análise ultrapassa o tempo, o espaço, o sujeito, logo, a narrativa é organizada a partir do ponto de vista de um sujeito. E por último, mas não necessariamente a análise textual é preciso ser realizada nessa ordem, o nível discursivo, focando nos eventos de discursivização e de textualização.

No nível fundamental (mais abstrato e simples) é onde os sentidos são dados a partir de uma "oposição semântica", FIORIN (2048, p. 20), cujos termos são considerados atraentes (eufóricos) ou repulsivos (disfóricos) de acordo com a percepção dos seres; isso se relaciona à noção de tensão (disforia = tensão = repulsivo) (Euforia = distensão = atraente). Tais termos são também negados ou

afirmados dentro de um sistema a que Barros (2002) chama sintaxe elementar e são representados por meio de um esquema chamado “octógono semiótico” que funciona como um gráfico deste processo.

Figura 1 – Octógono Semiótico¹



Após a análise do octógono semiótico, é importante destacar que os elementos podem ter uma relação semântica eufórica ou disfórica. Portanto, o analista deverá ter atenção, pois um elemento que marca euforia em um texto, em outro texto, pode causar a marca da disforia. É o que afirma FIORIN (1999):

compreende a(s) categoria(s) semântica(s) que ordena(m), de maneira mais geral, os diferentes conteúdos do texto. Uma categoria semântica é uma oposição tal que a vs b. Podem-se investir nessa relação oposições como vida vs morte, natureza vs cultura, etc. Negando-se cada um dos termos da oposição, teremos não a vs não b. Os termos a vs b mantêm entre si uma relação de contrariedade. A mesma coisa ocorre com os termos não a vs não b. Entre a e não a e b e não b há uma relação de contraditoriedade. Ademais, não a mantém com b, assim como não b com a, uma relação de implicação. Os termos que mantêm entre si uma relação de contrariedade podem manifestar-se unidos. (FIORIN, 1999, p. 4)

A conversão do nível fundamental ao narrativo é sintetizada também em três pontos: Introdução do sujeito: agora aparecem sujeitos que operam transformações

¹ Octógono Semiótico presente no trabalho de Moura (2016, p. 33).

narrativas (agem sobre a realidade); as categorias semânticas fundamentais, (atraente x repulsivo, por exemplo), tornam-se valores postos em objetos, os quais o sujeito busca; as determinações tensivo-fóricas fundamentais (disforia = tensão vs euforia = distensão). Transformam-se em modalizações, ou seja, algo que determina o que o sujeito deve buscar e o que deve não-buscar /aborrecer. Assim, concordamos com o pensamento de Greimas e Courtés.

Em princípio, considera-se que uma única categoria semântica é suficiente para ordenar e produzir, em consequência de investimentos sucessivos em cada instância gerativa, um único microuniverso de discurso. Todavia, duas categorias semânticas distintas, tomadas como esquemas do quadrado semiótico, podem igualmente gerar um discurso inovador (analítico ou sintético-mítico). (GREIMAS; COURTES, 2008, p. 228).

Desse modo, concluímos que a sintaxe e a semântica do nível fundamental é a categoria inicial do Percurso Gerativo, além de nesse nível haver uma preocupação com o funcionamento e a interpretação do discurso, uma vez que é nesse nível que procuramos explicar as relações de abstração e concretude das produções textuais.

O nível narrativo é constituído por enunciados elementares da narrativa, que podem ser de estado - o sujeito tem uma relação estática de conjunção-disjunção com o objeto (investido de valor) - ou de transformação- o sujeito tem uma relação dinâmica com o objeto, mudando a relação de disjunção para conjunção ou vice-versa.

A narratividade é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes. Isso significa que ocorre uma narrativa mínima, quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final. (Fiorin, 2018 p. 27)

A narratividade é compreendida como um elemento do discurso que é entendida como transformação de conteúdo, assim como a narração constitui a classe do discurso na qual os estados e as transformações estão ligados a personagens individualizadas. É importante deixar claro aqui que, para a Semiótica Discursiva, sujeito e objeto são papéis narrativos, (Fiorin, 2018, p. 29). Logo, sujeito não é necessariamente pessoa, e, objeto coisa; essa relação pode ser diversificada.

Os Percursos narrativos são unidades sintáticas simples, e os actantes sintáxicos (sujeitos de fazer ou de estado, objeto), que entram na formulação deles, são sujeitos ou objetos quaisquer: todo segmento narrativo que se pode reconhecer no interior de um discurso-enunciado é, conseqüentemente, analisável em Percorso Narrativo. (GREIMAS; COURTES, 2008, p. 301)

Neste caso, a depender da posição ocupada pelo sujeito sintático no Percorso Narrativo integrado, estarão passíveis de definições diferenciadas, podendo entrar em conjunção ou não.

No nível das estruturas narrativas, as categorias fundamentais são convertidas à ordem do fazer. Trabalha-se, então, com dois tipos de enunciados elementares: os de estado, em que um sujeito está em relação de conjunção ou de disjunção com um objeto, e os de fazer, em que se opera uma transformação na relação entre sujeito e objeto: de disjunção para conjunção ou vice-versa. As operações de aquisição e de perda de objetos correspondem, respectivamente, à afirmação e à negação de valores no nível fundamental. (OLIVEIRA; LANDOWSKI, 1995, p. 77)

Da união de um enunciado de estado e um enunciado de transformação, surge a unidade básica da narrativa, que é chamada *programa narrativo*, que, por sua vez, constitui os percursos de manipulação, ação e sanção, pelos quais a narrativa é organizada. Cada fase, uma pressupõe a outra, por exemplo, “para que um sujeito possa executar uma ação, é preciso que ele saiba e possa fazê-lo, isto é, seja competente para isso, e, ao mesmo tempo, queira e/ou deva fazê-lo.” (FIORIN, 1999, p. 5).

Desse modo, destacamos esses processos de Manipulação que se manifestam no texto:

- a. Sedução: em que o destinador manifesta um saber fazer o destinatário querer fazer, elogiando-o ou enaltecendo-o de tal maneira que qualquer sinal de recusa à manipulação significaria também a renúncia a todas as qualidades que lhe foram atribuídas;
- b. Tentação: domínio em que o destinador demonstra poder fazer o destinatário querer fazer, apresentando-lhe uma recompensa de algum modo irrecusável;
- c. Provocação: caso no qual o primeiro actante obtém com o seu saber fazer o dever fazer do destinatário, já que o leva a agir como única forma de refutar a depreciação que lhe foi imposta;
- d. Intimidação: processo que põe em cena um destinador dotado de um poder fazer

(normalmente extradiscursivo) o destinatário deve fazer a partir de algum tipo de ameaça. (TATIT, 2002, p. 191)

Logo, no percurso de manipulação, que pode estar explícito ou implícito na narrativa, um destinador, que deseja transformar a sua situação de disjunção em conjunção com um objeto-valor, propõe um contrato a um destinatário, que possui (ou se quer convencer que possui) a competência de realizar essa transformação, contrato este em que se pretende levá-lo ao perar a transformação pretendida. Para isso, “o que importa é o esforço do destinador no sentido de despertar a confiança do destinatário (fazer crer) para, em seguida, completar a manipulação, fazendo-o fazer ou não fazer.” (TATIT, 2002, p. 191)

Assim, o destinador pode valer-se de recursos de persuasão como a sedução, apresentando a visão de que o sujeito é capaz de realizar a ação. A tentação, apresentando os benefícios que se pode obter ao realizar a ação. A intimidação, ameaçando-o de conjunção com valor temido ou disjunção com valor desejado, ou a provocação, duvidando propositalmente de sua capacidade, para incitá-lo a realizar a ação e provar que é capaz, que visam levar o destinatário a entrar em conjunção com o objeto-valor dever/poder/querer fazer, ou melhor, operar a transformação desejada pelo destinador. Em outras palavras, é uma transformação que visa a outra transformação. O destinatário, todavia, não é absolutamente passivo neste processo, pois agirá sobre o contrato proposto, interpretando-o, aceitando-o, ou rejeitando-o.

Partindo dessa abordagem, BARROS (2002. p. 33) organiza um quadro com os tipos de manipulação segundo dois critérios: competência do destinador-manipulador e alteração na competência do destinatário. Na competência do manipulador, há o sujeito do saber, ora o sujeito do poder; esse poder ora exercer valor negativo, ora positivo. Quanto à alteração modal, há uma aplicação na competência do sujeito manipulado.

Quadro 1 - Tipos de Manipulação²

	Competência do destinador-manipulador	Alteração na competência do destinatário
--	--	---

² BARROS, 2020, p. 33.

PROVOCAÇÃO	SABER(imagem negativa do destinatário)	DEVER-FAZER
SEDUÇÃO	SABER (imagem positiva do destinatário)	QUERER-FAZER
INTIMIDAÇÃO	PODER (valores negativos)	DEVER-FAZER
TENTAÇÃO	PODER (valores positivos)	QUERER-FAZER

Assim, a manipulação será bem-sucedida quando há uma cumplicidade entre os sistemas de valores acertados entre o sujeito manipulador e o sujeito manipulado.

No percurso da ação, há dois programas narrativos – um de competência e outro de performance. No programa de competência, a transformação é operada por outro sujeito, diferente do que tem o seu estado transformado, e visa a um valor que não é o último almejado pelo sujeito, mas necessário para a sua obtenção (valor modal). No de performance, o sujeito opera a transformação narrativa que muda o seu próprio estado estático de disjunção-conjunção com o objeto-valor, ao passo que opera a transformação que colocara o destinador em contato com o objeto-valor que, neste caso, é o valor principal desejado pelo sujeito da narrativa. Todo programa de performance pressupõe um de competência, já que, para a obtenção de um valor último, é preciso estar em conjunção com um modal (querer, dever, etc...). Logo, corroboramos com Fiorin (1999)

um sujeito atribui a outro um saber e um poder fazer. Quando, num conto maravilhoso, uma fada dá a um príncipe um objeto mágico, que lhe permitirá realizar uma ação extraordinária, está dando-lhe um poder fazer, figurativizado pelo referido objeto mágico. (FIORIN, 1999, p. 5)

Desse modo, o sujeito possui à competência para se apropriar do objeto desejado e para realizar a transformação. É nessa etapa que ocorre a transformação principal do percurso.

No percurso da sanção, o sujeito destinador dará ou não o reconhecimento ao destinatário pelo cumprimento ou não cumprimento do contrato estabelecido. Nesta etapa, o destinatário também não é inteiramente passivo, pois persuadirá o destinador

de que cumpriu o contrato e merece se bem sancionado, o que é também uma forma de manipulação. A partir dos valores modais (querer, poder, temer...), BARROS (2009) adentra a modalização e os efeitos passionais, que são parte do sentido do texto. A conjunção/disjunção com os valores pode produzir o efeito de continuidade e/ou descontinuidade, e expressar paixões como a frustração (conjunção com o valor modal querer, e ao mesmo tempo, conjunção com o valor modal 'não poder'). Nos efeitos passionais há também a ideia de tensão (neste caso, pela disjunção com o valor desejado ou conjunção com valor indesejado) e distensão (pela conjunção com o valor desejado e/ou disjunção com valor indesejado). Portanto, afirma FIORIN, 1999, (Ibdem, p. 5)

Aquela é o reconhecimento por um sujeito de que a performance de fato ocorreu. Em muitos textos, essa fase é muito importante, porque é nela que as mentiras são desmascaradas, os segredos são desvelados, etc. A sanção pragmática pode ou não ocorrer.

No nível discursivo, acontece a discursivização: a narrativa é “colocada no tempo e no espaço” mediante os procedimentos de temporalização, espacialização, actorialização, tematização e figurativização, que completam a formação do sentido no texto. A projeção do discurso em primeira ou terceira pessoa, por exemplo, pode produzir respectivamente o efeito de subjetividade, aproximação ou a generalização.

Os tempos verbais e advérbios de lugar podem produzir efeito de proximidade ou distanciamento de interlocutores, ou até de verdade geral e atemporal, como no caso do presente gnômico – “isso é sempre assim”. Assim, FIORIN (2018) esclarece que:

... a seleção dos chamados tempos verbais implica também valores aspectuais e modais. A partir dessas articulações temporais, o narrador pode dispor os acontecimentos no texto: presentes, passados, em relação a um passado, etc. (FIORIN, 2018, p.64)

Logo, neste nível são examinados os dispositivos de debragem, pelos quais as categorias de pessoa (actorialização), tempo (temporalização) e espaço (espacialização) podem produzir o efeito de aproximação (1ª pessoa, tempo presente, lugar 'aqui') ou distanciamento (3ª pessoa, tempo pretérito perfeito, lugar 'lá') - assim,

a debreagem pode ser enunciativa, quando produz o efeito de aproximação ou enunciva, quando produz o efeito de distanciamento.

A partir dessas características, são explorados os tipos de debreagens: simples, quando no texto há apenas o feito de aproximação; interna, quando, o autor dá voz (efeito de aproximação) a alguém dentro do texto; paralelas ou alternadas, quando há presença de debreagens enunciativas e enuncivas no mesmo texto, ou embreagem, quando o enunciador (entendido como o 'eu') fala de si em terceira pessoa, causando uma espécie de "volta", em que uma debreagem enunciva se sobrepõe a uma enunciativa.

Restam então os procedimentos de tematização e figurativização. A tematização é a inserção de temas (traços semânticos) no discurso. Essa percepção é potencializada pelo conceito de tema elencado por GREIMAS; COURTES, 2008, p. 301.

Do ponto de vista da análise, o tema pode ser reconhecido sob a forma de um percurso temático que é uma distribuição sintagmática de investimentos temáticos parciais que se referem aos diferentes actantes e circunstantes desse percurso (cujas dimensões correspondem às dos programas narrativos): a tematização operada pode concentrar-se seja nos objetos, seja nas funções ou repartir-se mais ou menos igualmente entre os elementos da estrutura narrativa. (GREIMAS; COURTES, 2008, p. 453)

Desse modo, esses temas, na verdade, ainda são abstratos (como os valores, no nível fundamental e no narrativo), e vão ganhar materialidade mediante a figurativização, onde esses traços semânticos abstratos vão ser revestidos de traços semânticos sensoriais, que os tornam perceptíveis aos sentidos humanos – cor, forma, cheiro, etc. Dá-se a isto o nome de isotopia. Os discursos podem ter apenas uma isotopia, ou seja, conterem apenas um tema, ou serem pluri-isotópicos, possuindo duas ou mais leituras possíveis.

Quanto à tematização, o estudo empreendido por (BARROS, 2002, p. 68) esclarece que, " Tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-lo em percursos", portanto, dentro de uma mesma narrativa podem ser desenvolvidas várias temáticas diferentes revestidas de figuras expressas no texto (figurativização). Corroborando com BARROS(2002), FIORIN (2018) afirma que:

Tema é um investimento semântico, de natureza puramente conceptual, que não remete ao mundo natural. Tema são categorias

que organizam, categorizam, ordenam os elementos do mundo natural: elegância, vergonha, raciocinar, calculista, orgulhoso, etc.(FIORIN, 2018, p.91).

Desse modo, as interpretações de que um discurso é suscetível são chamadas de “isotopias”. Estas podem se manifestar concretamente em determinadas figuras que podemos chamar de sensoriais, ou seja, figuras relativas aos sentidos humanos. Neste caso, teríamos um discurso figurativo. Caso não haja estas figuras revestindo os temas, o discurso é temático. Vale dizer que um discurso pode ser predominantemente figurativo, ou predominantemente temático, apresentando maior ou menor número de figuras.

A figurativização apresenta diferentes graus, dos quais é o último apresentado por BARROS (2009): a “iconização”, que produz o efeito de realidade pelo estabelecimento do tempo, do espaço e dos atores: datas, lugares e pessoas determinadas (por nomes próprios, por exemplo). Como afirma (SILVA, 2006):

Correspondendo ao nível de concretização da semântica discursiva, afiguratividade corresponde às gradações de um contínuo que vai domais concreto ao mais abstrato. Nesse contínuo, estabelece-se uma oposição entre temas (categorias abstratas) e figuras (elementos que remetem ao mundo natural). Assim, pela saturação de elementos figurativos produz-se a iconicidade, que resulta na produção de efeito de realidade. (SILVA, 2006, p. 23).

Assim, a figurativização e a tematização constituem relações diversas dentro do texto, apresentando várias leituras de um único texto. Portanto, o Percurso Gerativo da significação é uma teoria de análise que busca explicar todas as semióticas do mundo natural. Observemos o quadro abaixo:

Quadro 2 – Percurso Gerativo da Significação³

PERCURSO GERATIVO		
	Componente Sintáxico	Componente Semântico

³ (GREIMAS e COURTÉS, 1983, p. 209)

Estruturas sêmio- narrativas	Nível profundo	SINTAXE FUNDAMENTAL	SEMÂNTICA FUNDAMENTAL
	Nível de superfície	SINTAXE NARRATIVA DE SUPERFÍCIE	SEMÂNTICA NARRATIVA
Estruturas discursivas	SINTAXE DISCURSIVA Discursivização (actorialização, temporalização, espacialização)		SEMÂNTICA DISCURSIVA

Considerando, portanto, o quadro acima, notamos que o Percorso Gerativo da Significação nos permite analisar os componentes internos e externos do texto. Com relação ao plano de expressão, a semiótica ocupa-se com a análise textual de dentro para fora do texto, ou seja, análise interna, e de fora para dentro, por meio das relações contextuais do texto e análise.

Nesse sentido, a teoria Semiótica Discursiva contribui para formar leitores conscientes e críticos, possibilitando-lhes uma visão de mundo e de si mesmos. Nessa perspectiva, ratificamos o que afirma FIORIN (2018, p.97)

Ler um texto não é apreender figuras isoladas, mas perceber relações entre elas, avaliando a trama que constitui. A esse encadeamento de figuras, a essa rede relacional reserva-se o nome de *percurso figurativo*. (FIORIN, 2018, p.97)

Portanto, utilizar o Percorso Gerativo da Significação como teoria facilitadora para compreensão textual, trará grandes contribuições para o ensino de língua materna, pois proporcionará ao estudante uma visão muito além das imagens e das palavras presentes no texto, ampliando os sentidos ocultos de texto, e também, do contexto socio histórico em que o texto está inserido.

2.2 SEMIÓTICA E ENSINO

De acordo com as concepções de linguagem, para Bakhtin, há um sujeito que interage com o seu interlocutor, e, um interlocutor que ocupa uma posição responsiva, concordando ou discordando, totalmente ou parcialmente do enunciado. Bakhtin, (2011, p. 277):

nenhuma enunciação verbalizada pode ser atribuída exclusivamente a quem a enunciou: é produto da interação entre falantes, e, em termos mais amplos, produto de toda uma situação social em que ela surgiu.

Desse modo, para ele, o ouvinte percebe e compreende os significados do discurso, e ocupa em relação a ele uma posição ativa, responsiva, nos mais diferentes graus de compreensão. Ou seja, o sujeito-leitor não é passivo na interação do significado. Dessa forma, cabe ao professor proporcionar um ensino de língua caracterizado por atividades socio comunicativas.

Em face disso, é importante que a escola, como parte da sociedade, realize ações sociais que preparem sujeitos-leitores para dominarem as várias situações da vida cotidiana com as quais tenham que fazer uso de leituras críticas que ultrapassem os limites do texto que envolvem linguagem verbal e linguagem não-verbal.

Assim, nessa seção, abordamos algumas contribuições que a Semiótica Discursiva pôde oferecer para o ensino de língua materna. De acordo com as mudanças curriculares ocorridas no ensino da Educação Básica, a dinâmica do professor em sala de aula tem sido cada dia mais desafiadora e complexa, pois cada vez mais surge uma diversidade de gêneros discursivos, gêneros esses, que exigem habilidades práticas de compreensão e produção. É importante registrar aqui que essas novas práticas estão inseridas não só no contexto da linguagem verbal, mas também na comunicação sonora ou audiovisual. Assim, há uma multiplicidade cultural e semiótica. Portanto, a contribuição da proposta teórico-metodológica da Semiótica Discursiva tem muito a contribuir se didatizada, como propõe essa pesquisa.

Logo, partindo desse desafio, ressaltamos que a Semiótica Discursiva se apresenta como instrumento facilitador para amenizar essas práticas desafiadoras de leitura e escrita, uma vez que essa teoria apresenta estratégias de leitura e escrita que conduzem ao desenvolvimento do nível de letramento.

Diante disso, corroboramos com KLEIMAN (2007) que afirma que a escola é como "agência de letramento por excelência", pois os professores devem levar os educandos à prática da cidadania, proporcionando ao máximo o contato desses com práticas de leitura e escrita que permitam ser inseridos na sociedade. Portanto, o professor da Educação Básica deve ir além das práticas de leitura e escrita mais comuns, uma vez que, a cultura digital proporciona uma diversidade de novos letramentos e novas formas de conhecimento.

Porém, para o professor ir além dessas práticas, fica o desafio da curadoria diversificada dos textos a serem levados para sala de aula e o modo como serão trabalhados, pois durante a atividade de leitura e escrita de cada texto há uma particularidade diferenciada quanto às suas especificidades discursivo-textuais. Então, ressaltamos mais uma vez a contribuição da Semiótica Discursiva no ensino como teoria facilitadora para durante as atividades de estruturação desses diferentes textos e a produção dos sentidos gerados.

Desse modo, Teixeira, Faria e Sousa (2014, p. 317) afirmam:

Diante da multiplicidade de oferta do universo da cibercultura e dos inúmeros artefatos de linguagem próprios das sociedades contemporâneas, a escola precisa desenvolver [ou adotar] métodos que deem conta do caráter multissensorial e das potencialidades significantes dos textos em circulação.

Nessa perspectiva, nota-se a necessidade da aproximação entre os alunos e os gêneros contemporâneos, oriundos das diferentes esferas de circulação. Isso é corroborado pela Base Curricular (Brasil, 2018), que apresenta a seguinte prática de leitura e escrita: uso da linguagem verbal e não verbal.

Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao contexto escrito, mas também a imagem estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filme, vídeos etc) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais. (Brasil, 2018, p.72)

Desse modo, é possível trabalhar em sala de aula com as contribuições que a Semiótica Discursiva oferece ao exame da estrutura e funcionamento dos textos. Dessa maneira, as oficinas que serão propostas nesta pesquisa terão como objetivo levar o aluno a um maior domínio dos processos de significação a eles subjacentes. É necessário o professor da educação básica assumir um posicionamento teórico durante suas aulas, pois segundo Teixeira, Faria e Sousa (2014, p.317):

não há bom ensino sem boa teoria, não há possibilidade de fazer avançar o conhecimento oferecido pela escola se não se faz há possibilidade de fazer avançar o conhecimento oferecido pela escola se não se faz avançar [conhecer] também a teoria que fornece a base de atuação prática dos docentes.

Logo, segundo (COURTÉS, 1979, p.43) "Deste ponto de vista, a semiótica define-se como uma *metalinguagem* em relação ao universo de sentido que ela se dá como objeto de análise." Assim, a teoria semiótica definiu-se como o estudo da significação, ou seja, uma forma de escrever e explicar o universo do texto.

Diante desse universo da significação, Greimas elabora modelos de significação que podem ser realizados por níveis diferentes. É importante deixar registrado aqui que a proposta teórico-metodológica para abordagem desses níveis da significação da Semiótica Discursiva em sala constitui-se em um conhecimento científico que ultrapassa os limites da classificação de terminologias e nomenclaturas, pois se não fosse assim, estaríamos limitando o estudo da língua a noções conceituais e conceitos de regas, ou seja, descrição classificatória.

Assim, esse trabalho corrobora com as práticas escolares multiletradoras e com uma abordagem da teoria da Semiótica Discursiva que conduzirá os conceitos de produção de sentido da linguagem de modo que desenvolva a competência discursiva dos alunos. Conduzindo-os a reflexões sócio-históricas do uso da língua.

De posse desse posicionamento, uma linguagem em construção discursivo-textual em sala de aula será fundamental no processo de ensino-aprendizagem para que o professor possibilite a seus alunos a compreensão do funcionamento da linguagem em diferentes esferas de circulação, ou seja, proporcione uma atividade de leitura e escrita aplicadas a experiências reais, significativas, efetivas e não meramente reprodutoras. Assim, afirma (FRANCHI, 1991, p. 20):

Interessa pouco descobrir a melhor definição de substantivo ou de sujeito ou do que quer que seja. [...] Mas interessa, e muito, levar os

alunos a operar sobre a linguagem, rever e transformar seus textos, perceber nesse trabalho a riqueza das formas linguísticas disponíveis para suas mais diversas opções. Sobretudo quando, no texto escrito, ele precisa tornar conscientes os procedimentos expressivos de que se serve.

Ademais, essa forma de abordagem do ensino de língua materna associada a algumas noções básicas, como o percurso gerativo da significação da Semiótica Discursiva tem muito a contribuir no desenvolvimento da compreensão e análise de textos variados. Porque essa ciência vai se preocupar com a articulação dos elementos que compõem o texto.

Portanto, a Semiótica Discursiva tem muito a contribuir com a abordagem do texto em sala de aula, uma vez que, esta mostra o que o texto diz, quais sentidos produz e com quais procedimentos linguísticos e discursivos ele se constrói, direcionando os discentes a uma leitura com estratégias que explicam os procedimentos discursivos e textuais que se manifestam no gênero em foco.

Conforme essa abordagem, fica evidente que esta teoria será capaz de ampliar o universo de conhecimento do aluno, como já citamos anteriormente, não será uma abordagem mecânica, mas que mostra possibilidades de expressar-se e produzir seus próprios textos. Por isso, corroboramos com (TEXEIRA, 2008a, p. 339); "“garante-se, com a adesão a uma teoria, um caminho a seguir nas análises, não uma fôrma, um modelo a seguir, mas um percurso do olhar dado por uma orientação metodológica. " Isso não quer dizer que mecanizaremos as orientações, mas a abordagem Semiótica Discursiva contribuirá para um trabalho mais produtivo dos diversos gêneros discursivos.

Assim, o aluno irá por caminhos que vão além da superfície textual, entendendo o funcionamento da estruturação responsável pelos sentidos do texto, seu contexto situacional, seu fundamento comunicativo da escrita e da leitura. Visto que a teoria Semiótica Discursiva possibilita o aluno enxergar o texto numa perspectiva discursiva, que o levará a possibilidades de análise no plano de expressão bidimensional e sincrético e no plano do conteúdo.

2.3 A NOÇÃO DE GÊNERO NA SEMIÓTICA

O estudo dos gêneros textuais não é algo novo, pois a retórica e a literatura já se debruçavam sobre esse conceito, recorrendo a fontes aristotélicas. A grande contribuição de Bakhtin e outros pesquisadores que estudam o conceito de gêneros foi destacar o caráter social no uso da linguagem, pois todo usuário, mesmo que inconsciente, desenvolve sua competência linguística mediante algum gênero.

Estudar os gêneros textuais é considerar a linguagem em seu funcionamento e para as atividades sociais. Assim corroboramos com o que afirma (BAKHTIN, 1979).

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo seu estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional (p. 261).

A heterogeneidade dos gêneros textuais é inesgotável, não podemos desconsiderar o estudo dos gêneros textuais e suas contribuições para o ensino de Língua Portuguesa, pois a língua se materializa em textos reais. Ninguém fala ou escreve se não for por meio de textos, sejam eles orais ou escritos.

O conceito de gênero não foi algo que as escolas semióticas, tanto a escola francesa como a americana, deram tanta ênfase, ou seja, essa noção sempre foi minimizada pelos estudiosos das teorias semióticas, principalmente, se compararmos com os estudos da retórica e da teoria literária, que são responsáveis por um arcabouço de definições sobre gêneros do discurso ao interacionismo sociodiscursivo.

Não poderíamos deixar de registrar nessa pesquisa o grande nome da teoria dos gêneros na contemporaneidade, Michael Bakhtin, que destacou nos estudos da enunciação a noção de "gêneros do discurso" como "tipos relativamente estáveis de enunciados" que podem ser expostos pelos critérios "conteúdos temáticos", "estilo" e "construção composicional" (BAKHTIN, 2003, P. 261-262).

Assim, as teorias semióticas se interessam em compreender a linguagem e todas as semioses que a envolvem por meio de várias taxionomias desde as tipologias de percepção, de signo, de discurso, de texto, de produção e de circulação, porém, aos estudos do gênero textual não houve tanta dedicação.

Neste espaço reservado para a discussão dos estudos do gênero na semiótica, focaremos em como este conceito foi abordado até o momento na semiótica greimasiana. Em meados de 1970, no prefácio de Maupassant, Greimas aborda pela primeira vez as definições de gênero em semiótica. Após os estudos do conto "Dois Amigos", Greimas constata que é indispensável os estudos no universo socioletal em textos literários, uma vez que fatos culturais podem se articular contribuindo para novas produções discursivas. Segundo (GREIMAS, 1993, apud, PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p. 71) , a respeito da teoria do gênero é possível considerar que:

O estudo de um texto literário coloca inevitavelmente, de maneira mais ou menos explícita, o problema de sua situação no universo literário socioletal. Entendendo-se por “universos literários” classificações de textos correspondendo as dimensões de áreas culturais [...] e tendo a forma de etno-taxionomias que articulam [...] o conjunto dos discursos em classes e subclasses e que regem, daí por diante, as produções posteriores dos novos discursos; e caso se pense que essas classificações “naturais” possam ser explicitadas e apresentadas como “teorias de gêneros”, vê-se que, tentando descrever um **texto literário** como o de Maupassant, é preciso começar por se perguntar em que medida não se descreve, ao mesmo tempo, um **texto “realista”** da prosa francesa do século XIX. (GREIMAS, 1993, p.10 apud, PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p.71).

Assim, para Greimas a classificação textual parte do universo socioletal, ou seja, as produções de discursos originam novos discurso. Em Maupassant, os estudos dos gêneros são abordados de forma exterior ao próprio texto. Segundo PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p.72, isso acontece por dois motivos:

pelo fato de a classificação dos gêneros provir de uma convenção de um dado universo socioletal que é posterior à elaboração textual e pelo fato de Greimas acreditar que essa elaboração textual tem como pressuposto uma organização genética, sem a qual ela não poderia se manifestar.

Portanto, com esse posicionamento concluímos que a noção de gênero em semiótica está ao mesmo tempo além e aquém do texto e que nos estimula a procurar na semiótica um conceito de gênero numa dimensão sincrônica ou diacrônica do texto. No Dicionário de Semiótica (GREIMAS e COURTÉS, 1979, p. 228), ratifica os elementos socioletais presentes nos contornos do além-texto.

O gênero designa uma classe de discurso, reconhecível graças a critérios de natureza socioletal. Estes podem provir quer de uma classificação implícita que repousa, nas sociedades de tradição oral, sobre a categorização particular do mundo, quer de uma “teoria dos gêneros” que, para muitas sociedades, se apresenta sob a forma de uma taxionomia explícita, de caráter não científico. Dependente de um relativismo cultural evidente e fundada em postulados ideológicos implícitos, tal teoria nada tem de comum com a tipologia dos discursos que procura constituir-se a partir do reconhecimento de suas propriedades formais específicas (GREIMAS; COURTES, 2008, p. 228).

Como se pode ver, para Greimas e Courtés, a teoria dos gêneros está associada a postulados ideológicos, ou seja, uma teoria que reporta os estudos do seu objeto a partir de um olhar cultural e, a tipologia textual associada às propriedades formais, estruturais, respectivamente.

Ainda sob o pensamento Greimasiano, os gêneros são definidos como sendo extrínsecos e flutuantes, pois sofrem variáveis socioculturais, então, a semiótica greimasiana procura estudar apenas os "caracteres semióticos generalizáveis do texto" (GREIMAS, 1993, p.12, apud PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p. 73), que são analisados, apreendidos e reconhecíveis no interior do objeto apreendido.

Fontanille (1999) também contribuiu em seus estudos para delimitação da noção de gênero na semiótica. Vinte anos depois das primeiras contribuições de GREIMAS e COURTÉS sobre gênero, buscou sistematizar e semiotizar essa noção de acordo com o posicionamento de Greimas.

Se se busca distinguir os gêneros entre eles, rapidamente percebe-se que as variáveis que lhes concernem mudam o tempo todo e, em particular, de nível de pertinência. Por exemplo, o romance e a novela parecem se distinguir pela sua duração, mas a própria duração, baseada na capacidade do discurso de se estender e de se condensar, não tem efeito sobre a forma do conteúdo e as modalidades da representação. Sabe-se que, por exemplo, na novela europeia do século XIX, a condensação narrativa dá à “cadência” um papel muito particular: uma instrução de leitura que inicia uma interpretação retrospectiva da narrativa. Além disso, a elipse narrativa é um dos procedimentos que produzem os efeitos de mistério, e o “núcleo fundamental do inexplicável”. Da mesma maneira, se se opõem os diferentes gêneros poéticos entre si, encontram-se critérios formais que concernem à métrica ou à composição, que são de um nível de pertinência mais específico, mas que não têm grandes consequências sobre a forma do conteúdo (FONTANILLE, 1999, p. 159-160, apud , PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p. 74).

Percebemos que, apesar de Fontanille seguir o pensamento da noção de gênero que imperava à época, ou seja, um caráter socioletal, ele também adota, para abordar esse estudo, o nível de pertinência e o plano de expressão e conteúdo que caracterizam o gênero. Então, para o semiótico deve-se diferenciar e, ao mesmo tempo interligar, as noções de texto e discurso, pois em um determinado gênero há propriedades textuais e discursivas.

Fontanille afirma, em *Semiótica do Discurso* (2007, p. 83), que "o texto e o discurso são dois pontos de vista sobre mesmo processo significante". Logo, devemos tratar texto e discurso como dois pontos que fluem para o mesmo fenômeno semiótico. Ademais, podemos dizer que o texto é algo material, apreensível, enquanto, o discurso é o ato e o produto. Dessa forma, gênero é a união de um tipo de texto e de um tipo de discurso formando uma relação congruente.

Desse modo, o discurso proporciona ao texto a existência de uma significação intencional e coerente, e o texto, enquanto, "suporte do discurso, permite ao leitor meios estabelecidos e inovadores. Assim, corroboramos com PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p.76):

...o discurso deve buscar uma "monoisotopia", para que possa ter coerência. Já o texto acaba sendo apresentado sob uma forma "pluri-isotópica". Trata-se de um princípio de classificação ligado à elasticidade do discurso: uma única organização discursiva pode dar lugar a diversos tipos de textos. (PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p. 76)

Como se pode notar, para resultar nos estudos do gênero é importante destacar a coesão, que está relacionada com a organização textual; a coerência, que está relacionada com o universo do sentido; e a congruência, que é responsável pelo sentido global do texto.

A coesão textual está associada ao plano de expressão, uma vez que, a mesma está relacionada a maneira como as partes do texto constituem entre si. Portanto, para Fontanille:

é preciso reter entre "os critérios do tipo textual, as formas seriais, o caráter isolável [...] ou não isolável [...] das unidades que o constituem e [...] a maneira como o tipo assegura ou rejeita o fechamento e a

homogeneidade do texto” (FONTANILLE, 1999, p.163, apud , PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p. 77).

Nesse sentido, teremos uma classificação (longo vs breve) e outra classificação (fechado vs aberto). A primeira, presume uma avaliação exterior do texto, e quanto a escrita, associa-se à duração da história. A segunda classificação, segundo Fontanille, chama-se de "unidade de leitura" e "unidade de edição". Respectivamente, a primeira é a reunião das constantes do plano de expressão e a segunda, é o recorte que se faz dessas constantes.

A partir desses dois critérios, teríamos assim quatro propriedades diferentes para os tipos textuais:

Quadro 3 - Tipos Textuais⁴

	Longo	Breve
aberto	recursividade	fragmentação
Fechado	desdobramento	concentração

De acordo com o quadro acima, no tipo textual da recursividade (longo e aberto), teríamos como exemplo o romance, a telenovela e poema épico, porque é possível nesses gêneros textuais encaixarmos e reacendermos as estruturas textuais. No tipo do desdobramento (longo e fechado), destacamos como exemplo os romances em geral, as peças teatrais, o filme e os contos, uma vez que, esses gêneros textuais ampliam várias possibilidades textuais, mas ainda continuam presos a um esquema global que fecha o texto. Na fragmentação (breve e aberto), nos deparamos com gêneros que apresentam uma leitura sobre um único ponto de vista, apresentado uma visão única do enunciador, temos como exemplo nesses casos os gêneros textuais memórias e diários. Por último, exemplificaremos a concentração (breve e fechado). Temos aqui um espaço textual limitado, mas uma carga de significação grande, como exemplo temos as charges, as piadas, no soneto e na máxima ou no aforismo.

⁴PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p. 78

A coerência textual aponta para dois critérios que conceituam os tipos discursivos, um critério trata das formas de avaliação das modalidades da enunciação e o outro, das axiologias. Para Fontanille (1999, apud, PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p.79), "o primeiro critério envolve os sujeitos da enunciação, os tipos de atos de linguagem e as modalizações dominantes do ponto de vista pragmático. O segundo, lança luz sobre os tipos de valores discursivos."

Nos quadros abaixo, podemos notar as modalizações dominantes e os atos de linguagem.

Quadro 4 – Modalizações⁵

	Crenças	Motivações	aptidões	efetuações
2 actantes	Assumir	Querer	SAber	Ser
3 actantes	Aderir	dever	Poder	FAzer

Quadro 5 – Atos de linguagem⁶ (discursos)

Modalizações	Assumir e aderir	Querer e dever	Saber e poder	Ser e fazer
Atos de linguagem	Persuasivo	Incitativo	De habilitação	De realização

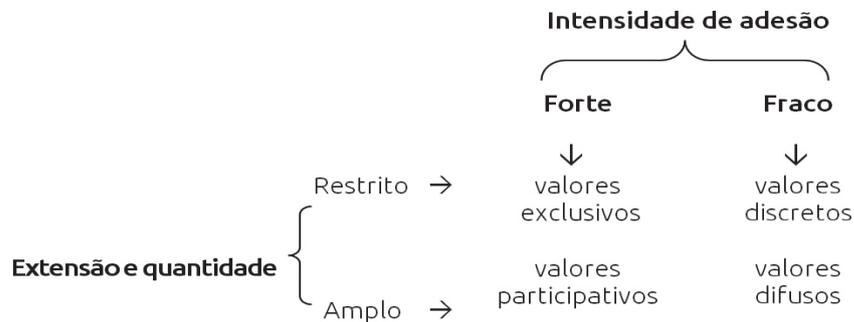
A partir da análise dos quadros acima, sugeridos por Fontanille (1999), notamos que para cada tipo de linguagem ou discurso há subtipos definidos pelas modalidades dominantes. Assim, entendemos que esses dois critérios influenciam nos gêneros textuais. Então, no discurso persuasivo, que reúne as modalidades do assumir e aderir, quando a modalidade dominante for assumir, estaremos diante de um discurso de convencimento, como nos discursos políticos.

⁵Fontanille ,1999, apud, PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p. 79

⁶Fontanille ,1999, apud, PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p. 79

No segundo critério, Fontanille (1999, apud, PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p.80) observará a intensidade de adesão dos sujeitos e a extensão e quantidade de manifestações dos valores nos discursos.

Figura 2 - Axiologia e formas de avaliação do discurso⁷



Nota-se que é possível fazer a diferença entre os tipos textuais e os tipos discursivos. Para Fontanille (1999) essa diferença gera uma ambiguidade, pois podemos fazer referência tanto ao substantivo, quanto ao adjetivo.

Quanto à congruência nos estudos do gênero, fica evidente que essa classificação pode ser a partir de critérios textuais e discursivos, ou seja, nesse período os estudos semióticos dos gêneros permanecem o nível do texto-enunciado.

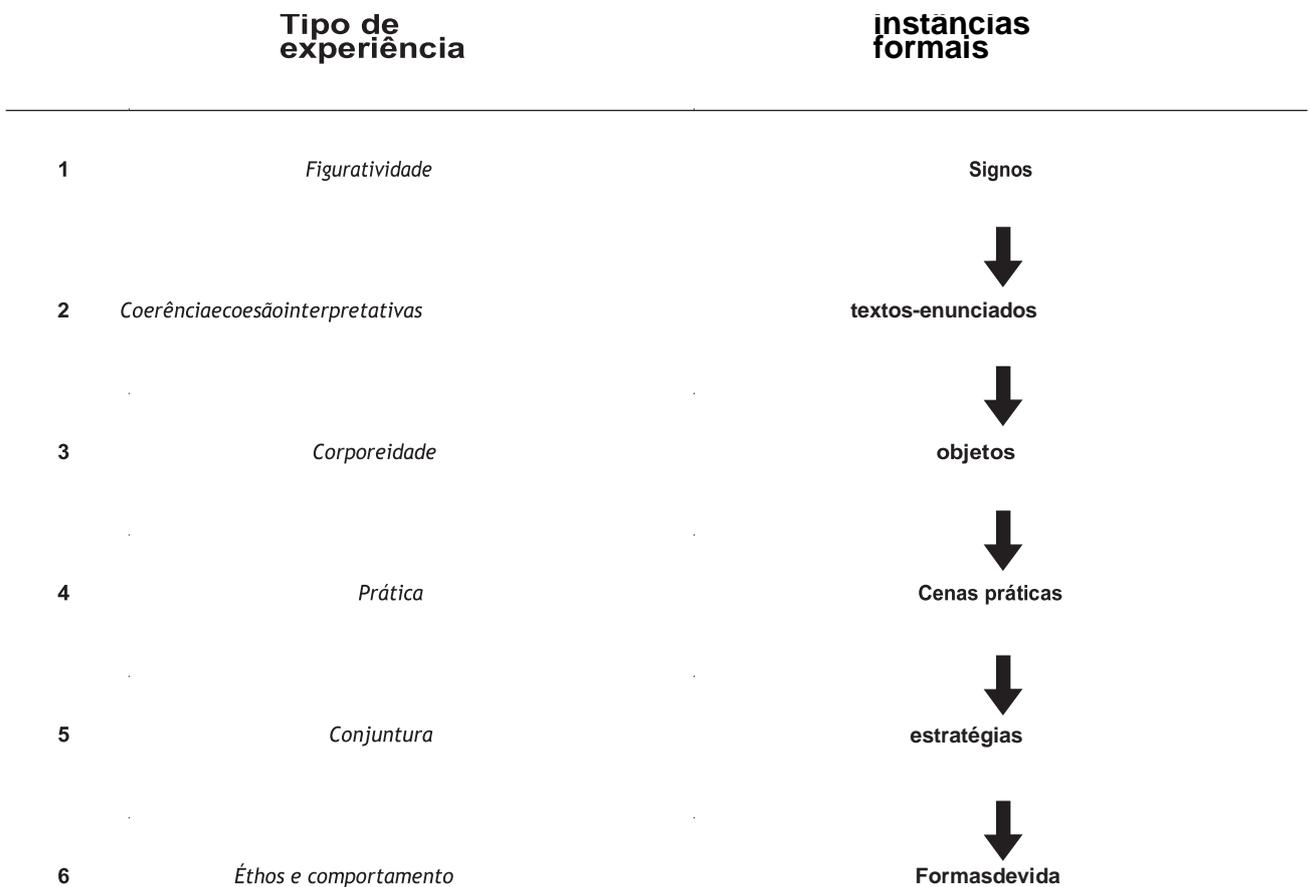
Apenas uma década depois, Fontanille articulará em seus estudos do texto-enunciado os estudos dos objetos-suportes e das práticas dos gêneros. Isso acarretará em um novo movimento à compreensão semiótica do gênero.

Esse movimento seguirá de um percurso que vai dos signos às formas de vida, baseando-se nos estudos epistemológicos da semiótica greimasiana, percurso gerativo da expressão. Assim, avançaríamos os estudos do texto-enunciado para contemplar o objeto-suporte e socioletal das práticas semióticas que estão relacionadas à organização de um determinado gênero.

Na figura a seguir, Fontanille(2008a, apud, PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p. 84) nos apresenta uma análise mais ampla da abordagem do gênero, da sua produção e da sua circulação, permitindo uma abordagem não apenas no universo da imanência textual, mas ampliando essa abordagem a outros planos de imanência.

⁷Fontanille ,1999, apud, PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p. 80

Figura 3 – O percurso gerativo da expressão⁸



A partir dessa perspectiva, compreendemos que é possível a partir do Percurso Gerativo da expressão ampliar as dimensões da significação, que vai do signo (nível mais elementar) a formas de vida (nível mais complexo). Assim, se analista limitar os estudos textuais ao nível 2 do percurso, ou seja, aos textos-enunciado, restringirá a abordagem de caracteres textuais ou discursivos, trazendo uma visão reduzida do gênero com relação às suas diversas práticas e seus diversos suportes. Portanto, vale ressaltar que essa hierarquia de níveis é fundamental para direcionar os estudos dos gêneros aos objetos-suportes e às formas de vida.

No próximo quadro, verificamos como as propriedades genéricas influenciam nas propriedades morfológicas do objeto-suporte e das práticas de vida, pois

⁸Fontanille, 2008a, apud, PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p. 84

Fontanille, 2008a, apresenta uma abordagem de estudos sobre o gênero que ultrapassa o plano de imanência textual.

Quadro 6 - Planos de imanência⁹

textos-enunciados	Gêneros ↑	Propriedades textuais ⁵ genéricas ↓
objetos	Tipo de suporte formal	Propriedades morfológicas genéricas
Cenas práticas	↑ Tipo de prática	↓ Instruções de exploração

Assim, por esse viés, notamos que o suporte formal tem um papel mediador entre o termo regido, no caso, o gênero; e, o termo regente, os tipos de práticas. Na terceira coluna, temos as propriedades textuais genéricas, estas selecionam as propriedades morfológicas e definem as instruções de exploração do objeto-suporte. Portanto, nosso objetivo nessa seção foi fazer um pequeno recorte histórico sobre o conceito de gênero para semiótica francesa. Diante dos expostos, verificamos que o conceito de gênero para os semioticistas da linha greimasiana, manteve-se numa relação de flexibilidade com as teorias da análise do discurso que se debruçam sobre o estudo de gêneros. Seguimos de GREIMAS(1993), no prefácio a *Maupassant*; em *A Semiótica do texto* até a proposta de J. Fontanille, em *Sémiotique et Littérature* que aborda sobre o conceito de gênero como uma interseção congruente de tipos textuais e discursivos

2.4 O GÊNERO CHARGE

Para melhor entender o gênero selecionado para o estudo dessa pesquisa, corroboramos com o conceito de que *charge*, segundo Silva (2011), surgiu na França do século XIX, com a função político-social de protesto contra a não liberdade de expressão da imprensa. Esse termo “charge” é “proveniente do francês ‘charger’

⁹Fontanille, 2008a, apud, PORTELA e SCHWARTZMANN, 2012, p. 85

(carregar, exagerar). Sendo fundamentalmente uma espécie de crônica humorística, a charge tem o caráter de crítica, provocando o hilário, cujo efeito é conseguido por meio do exagero” (MACÊDO; SOUSA, 2011). Para o pesquisador MIANE, 2010 o conceito de charge é:

[...] uma representação humorística e satírica, persuasiva, de caráter político e de natureza eminentemente dissertativa e intertextual; ela se constitui, em certa medida, como “herdeira da caricatura” em sua conotação e expressão políticas (2010, p. 58).

Assim, a partir desse conceito, entendemos que a charge pode se valer da caricatura ou pode conter a caricatura. Além de que, na charge, temos o humor e a sátira. Para compreender esse gênero, é importante que o leitor esteja apropriado do sentido do texto quanto às relações entre enunciação e suas projeções no discurso-enunciado. Para corroborar como essa afirmação, Onice Flores (2002, p.26) diz que charge é:

A charge é um texto usualmente publicado em jornais, sendo por via de regra constituído por quadro único. A ilustração mostra os pormenores caracterizados de personagens, situações, ambientes, objetos. Os comentários relativos à situação representada aparecem por escrito. Escrita/ilustração integram-se de tal modo que por vezes fica difícil, senão impossível, ler uma charge e compreendê-la sem considerar os dois códigos, complementarmente, associando-os à consideração do interdiscurso que se faz presente como memória, dando uma orientação ao sentido num contexto dado- aquele e não outro qualquer” (FLORES, 2002, p. 14).

Exemplifiquemos esse conceito a partir da discussão da charge a seguir.



Charge I, (Thiago, Jornal do Comercio, 22/06/2019)
 Fonte: <http://jconlineinteratividade.ne10.uol.com.br/charge/>

A charge acima faz referência ao texto-fonte da reportagem do "The Intercept Brasil" sobre o vazamento das mensagens entre o ex-Ministro da Justiça o juiz Sérgio Moro e o procurador Deltan Dallagnol. Logo, o acontecimento é resgatado por meio dos elementos verbais e não verbais de uma Festa Junina. Desse modo, na charge acima, a sátira efetua-se por meio da ancoragem relacionada à figurativização das caricaturas, ao trecho da música de Luiz Gonzaga: "a fogueira tá queimando em homenagem a São João". Além da retomada de uma brincadeira popular chamada "pau de sebo", muito comum em algumas áreas da região Nordeste nas Festas Juninas. Os elementos não-verbais da charge retomam enunciados do intertexto. As bandeiras com a imagem do aplicativo Telegram, usado para troca de mensagens, o mastro da brincadeira do pau de sebo lembra um martelo usado pelos juizes e a caricatura dos personagens retomando os envolvidos na notícia a qual a charge está retratando.

Vale ressaltar que a charge foi publicada no período de Festas Juninas, o suporte foi o Jornal do Commercio do estado de Pernambuco. Logo, para a produção de sentido, é necessário ativar conhecimentos prévios e compreender as finalidades implícitas e explícitas do texto.

A charge vem ganhando espaço em jornais de grande circulação e, às vezes, toma lugar de uma notícia, por apresentar uma forma tão completa em um único quadro ilustrado. A charge, geralmente tem seu lugar de veiculação em jornais. Nascida da caricatura, surgiu no Brasil em meados de 1830.

Assim, a história das características presentes no gênero charge percorre toda a história da humanidade, desde a pré-história. Segundo FONSECA, 1999, p.43, " [...] onde a burla e a sátira deram lugar a representações gráficas". Fazendo uma trajetória da história da charge, verificamos que, desde pré-história ao Renascimento, estavam presentes a sátira e o humor e havia um ar caricatural nas formas de expressões sociais.

As ilustrações caricaturais foram ganhando espaço aos poucos, pois inicialmente eram veiculadas em folhetos separados e descontextualizados dos textos verbais. (ROMUALDO, 2000).

No Segundo Reinado (1840-1889), com o desenvolvimento da imprensa, e do *réclame* publicitário e a propagação das revistas ilustradas, as tradições humorísticas do jornalismo satírico ganham destaque (SALIBA, 2002, p. 39).

Em seguida, o período entre o final do Império e início da República encontrou terreno fértil para o desenvolvimento do humor e das sátiras, uma vez que as disputas políticas entre monarcas e republicanos favoreciam a publicação de charges. Em 1876, Ângelo Agostini lança a *Revista Illustrada*, a partir dessa publicação o humor gráfico ganha mais destaque no Brasil. Muitas revistas de humor foram surgindo após o Segundo Reinado e muitos autores de humor gráficos foram se destacando.

Segundo SODRÉ, 2002:

Agostini foi dos mais expressivos exemplos de como a militância política enriquece, amplia e multiplica o efeito das criações artísticas [...]. Suas caricaturas, por vezes contundentes, puseram a nu os traços grotescos da classe dominante brasileira do tempo, suas irremediáveis mazelas, seu atraso insuportável, e o vazio triste dos ornamentos, dos artifícios, dos disfarces que apresentava, buscando aparentar grandeza (SODRÉ, 2002, p. 325).

Diante desse exposto, Agostini é conhecido como o principal chargista na imprensa nacional deste período, e, a *Revista Illustrada* tem sua importância, pois teve uma notoriedade, devido a ser a responsável por elevar o papel crítico e reflexivo das charges.

É fundamental destacar o caráter político e denunciativo da charge. Portanto, durante o Regime Militar, em 1964, devido à necessidade de reagir ao momento ditatorial, o humor gráfico teve sua ascensão. Segundo Goodwin (2011, p. 538).

Normalmente há uma confusão quanto ao conceito de charge, caricatura e cartum, pois há traços comuns entre os três gêneros. Mas, de forma bem sucinta, é interessante destacar aqui as especificidades comuns de cada um deles.

A caricatura é uma representação da fisionomia humana com características humorísticas. Nesse gênero, é dada ênfase de forma cômica ao que o personagem tem de deformidade.

“[...] retrato humano ou de objetos que exagera ou simplifica traços, acentuando detalhes ou ressaltando defeitos. Sua finalidade é suscitar risos, ironia. Trata-se de um retrato isolado” (2003, p. 167);

Assim, a caricatura é a representação de um desenho que, de maneira cômica, exagera em um determinado traço dos seus personagens. Na charge abaixo,

percebemos que a dimensão figurativa juntamente com o enunciado linguístico compõe um todo de sentido.

Para que haja compreensão dessa charge abaixo é necessário que o leitor associe as caricaturas do atual ministro da justiça, o juiz Sergio Moro e ao procurador Deltan Dallagnol, além disso, retome as informação que durante as investigações da lava-jato o procurador Dallagnol apresentou uma denúncia contra o ex-presidente da República Lula usando um PowerPoint que chamou a atenção da mídia.



Charge III,(Amarildo, Blog Marcos Montinely, 05/06/ 2019)
 Fonte: <http://blogmarcosmontinely.com.br/blog/page/5/Charges> - Junho 2019

Assim, percebe-se que, na relação entre a linguagem verbal e a linguagem não verbal, ou seja, os diferentes modos de manifestações discursivas, remetem ao sentido dos elementos inseridos no mundo em que vivemos, construindo um efeito de referenciação.

O cartum, retrata uma realidade genérica, ou seja, uma crítica de costumes. Desse modo, para FONSECA 2003, temos o conceito de Cartum como sendo:

“[...] anedota gráfica. Crítica mordaz. Geralmente não insere personagens reais ou fatos verídicos, mas representa uma expressão criativa do caricaturista, que penetra no domínio da fantasia. Mantém-se, contudo, vinculado ao espírito do momento, incorporando eventualmente fatos e personagens” (2003, p. 167)

Logo, defendemos que esse gênero é atemporal, retrata uma realidade comum, isso é o grande diferencial entre cartum e charge, pois a charge aborda uma realidade mais específica, fatos políticos e de conhecimento público.

Portanto, a charge tem uma função jornalística, geralmente ela vem localizada na página do editorial do veículo. Ela recebe um posicionamento de destaque diante dos demais gêneros com o formato de humor presentes no jornal. Logo, ela é um texto opinativo. A partir desses expostos, corroboramos com Agostinho (1993, p. 229) que afirma:

a charge, “[...] diferentemente dos ‘quadrinhos’ e ‘cartuns’ não tem a função de um passatempo inocente e inconsequente”. Ela se “[...] constitui realidade inquestionável no universo da comunicação, dentro do qual não pretende apenas distrair, mas, ao contrário, alertar, denunciar, coibir e levar à reflexão”.

Ou seja, o papel do chargista não é apenas entreter, mas conduzir o enunciatório a uma reflexão sobre o fato que a charge aborda. Para ratificar essa abordagem, expressamos aqui a opinião do chargista Chico Caruso, com relação ao papel do chargista, defende que

Embora [o chargista] não saia à caça da notícia como o repórter e não escreva sobre os fatos, ele vai armazenando informações não-objetivas e, aos poucos, uma sensibilidade tanto melhor quanto mais anormal de captar a realidade. Isso porque, além da leitura dos jornais, e principalmente dos colunistas políticos, o chargista se alimenta de algo mais, o detalhe. [...] Vai atrás da pose, da ruga, do olhar, na ilusão de penetrar no pensamento dos figurantes (1984, p. 15).

Ainda sobre essas definições da função das charges temos, segundo o professor e chargista Gilberto Maringoni que:

[...] com a crescente “objetivação” do noticiário em geral e uma pretensa imparcialidade nas pautas, revalorizou-se no país o colunismo opinativo. Esses adereços acabam sendo o diferencial de cada veículo. Por serem exatamente o “toque pessoal”, eles só tem função se funcionarem como antenas do jornal, abridores de picadas, aventureiros por “mares Dante nunca desbravados” dentro das páginas diárias (1996, p. 85).

Assim, concebe a charge um papel informativo, porém, a charge geralmente confere a linha de natureza do jornal em que é publicada. Por isso, afirma Maringoni, 1996.

O chargista, como qualquer outro jornalista, deve antes de tudo saber para qual veículo está trabalhando e qual a orientação editorial do órgão, sem, no entanto, perder suas características artísticas e de opinião. [...] Interesses editoriais existem até em jornais de Centros Acadêmicos. Mas ousadia é fundamental (1996, p. 87).

Desse modo, ratificamos que a função da charge jornalística é condensar a opinião do jornal, ou seja, do veículo, que ela está publicada. Além de, provocar uma reflexão de forma satírica e humorística.

A charge é um gênero que envolve uma linguagem verbal, não-verbal e sincrética, assim como, o HQ, os cartazes e o cartum.

Este tipo de gênero apresenta uma certa quantidade de recursos linguísticos; no entanto, é bastante comum em algumas charges o desenho de um balão com apenas um sinal de pontuação (ou a pontuação apenas). Sendo assim, a pontuação deve ser entendida não só como elemento necessário à produção textual, mas também com elemento gráfico que compõe e estrutura a imagem. Enfim, deve-se considerar os elementos da sintaxe visual a partir dos elementos constituintes da imagem: cor, ritmo, volume, composição direção e, a partir desses aspectos, adotar um método de leitura das imagens de sentido (SOUZA, MACHADO, 2005, p. 59).

Para compreender uma charge é necessário que o leitor esteja atualizado com alguns acontecimentos atuais, isto é, entender o texto fundador, o fato que tornou a charge possível, entender o contexto de produção. A charge possibilita ao leitor questionamentos a respeito do universo político e social. A linguagem verbal e não-verbal, as relações intertextuais, interdiscursivas, elípticas favorecem a discussão proporcionando desafios aos leitores.

Se o leitor do texto chárstico é um indivíduo bem informado, integrado nas questões e acontecimentos políticos de sua época, há a possibilidade de que ele compreenda e capte o teor crítico de algumas charges, sem ler os outros textos presentes no jornal, com os quais elas se relacionam intertextualmente. Mas se ele não conhece o fato, a situação ou personagens presentes na charge, ou se ainda deseja precisar as informações acessórias, buscará o auxílio dos textos que mantêm relações com o chárstico (ROMUALDO, 2000, p. 42).

Logo, seu objetivo é a crítica humorística ou de um fato ou acontecimento específico. É a reprodução gráfica de uma notícia já conhecida do público, segundo a ótica do chargista. (ARBACH,2007, p.210)

Diante dessa concepção, elegemos o gênero charge por entendermos que o encadeamento de figuratização e a iconicidade (GREIMAS e COURTÉS, 1979) ampliam o entendimento dos alunos quanto aos problemas discursivizados no corpus estudado.

Na semiótica o sentido de um texto é construído a partir do plano de conteúdo e do plano de expressão. Então, o plano de conteúdo remete-se ao significado do texto, enquanto, o plano de expressão refere-se à manifestação desse conteúdo em um sistema, que no caso do gênero em foco, pode ser um sistema verbal (escrito), não-verbal (uma pintura, uma escultura) ou sincrético (um filme, uma história em quadrinho, uma canção, uma charge).

Contudo, todo texto pode ser considerado como pertencente a determinado gênero, e, para a semiótica discursiva, os gêneros são estudados nos planos de imanência dos objetos e das práticas. Assim, se tomarmos como exemplo o gênero charge, ele tem propriedades textuais e discursivas que podem levá-lo a um site da internet, a um jornal impresso. Então, corroboramos que as propriedades genéricas determinam as propriedades morfológicas do objeto-suporte como foi abordado na seção anterior.

As charges são textos que abarcam no sentido discursivo as diversas leituras. Nessa perspectiva, Fiorin faz referência à obra de Umberto Eco (1990) apresentando uma teoria de leitura que compreende a apreensão do sentido mediante a eleição conferida a uma das diferentes intencionalidades a *intentio auctoris* (buscam apreender as intenções do autor), a *intentio lectoris* (dependem das intenções do leitor) ou a *intentio operis* (centra-se na obra, pressupondo nela a instalação de uma intencionalidade). Portanto, para Fiorin a semiótica se dispõe a um estudo aliado à *intentiooperis*.

Interpreta-se para encontrar o que o autor quis dizer, o que o leitor diz que o texto diz ou o que o texto diz, independentemente das intenções de seu autor e da posição do leitor. Filiamo-nos decididamente ao ponto de vista que vê o ato de leitura como a busca da intenção da obra. (FIORIN 2004, p.110)

Para a semiótica, na construção da charge, a enunciação está sempre pressuposta. Muitas vezes pensamos que o texto progride sem ninguém, sem um narrador, porém ele é responsável pela progressão dos fatos, tanto em primeira pessoa, como em terceira pessoa. Podemos dizer que a charge é um texto verossímil, ou seja, um simulacro de uma situação sociocultural que pode ser aceito como verdadeiro. Como afirmam (GREIMAS e COURTÉS, 1979, p. 489)

Vê-se, por outro lado, que, nessa perspectiva, o discurso verossímil não é apenas uma representação "correta" da realidade sócio-cultural, mas também um simulacro montado para fazer parecer verdadeiro e que ele se prende, por isso, à classe dos discursos persuasivos.

Então, esse simulacro discursivo é construído de forma que pareça verdadeiro, com o objetivo de convencer o enunciatário de que no discurso contém a verdade. O desenho na charge, também não é uma cópia fiel da realidade, no entanto, propaga uma mensagem a partir dos valores da cultura em que está posto. O estilo do enunciador está muito presente no texto com características e traços muito específicos do mesmo. Logo, nos apropriamos nas palavras de Barthes:

A natureza codificada do desenho obriga a um conjunto de transposição regulamentadas; não existe uma natureza da cópia pictural, e os códigos de transposição são históricos (nomeadamente o que diz respeito à perspectiva); em seguida, a operação do desenho (a codificação) obriga imediatamente a uma certa partilha entre significante e insignificante: o desenho não reproduz tudo, e muitas vezes até bem poucas coisas, sem deixar contudo de ser uma mensagem forte [...].(BARTHES, 1982, p. 35)

Portanto, o gênero charge se torna cada vez mais interdisciplinar e facilita para o professor o uso dos PCNs de sua área de atuação e também facilita a abordagem interdisciplinar dos temas transversais, no caso do presente trabalho o tema do meio ambiente. A natureza interdisciplinar deste gênero permite, pois, uma gama de possibilidades educacionais que os professores devem considerar no ensino de linguagens em suas respectivas disciplinas (PESSOA, 2011).

O uso da charge em atividades interdisciplinares propicia ao docente possibilidades pedagógicas em diversas áreas do conhecimento. No texto verbal e não verbal, o docente pode orientar projetos em redação, análise de discurso, elementos gramaticais do texto, coesão, coerência, aprendizagem de novas expressões, palavras e relação de

temas pertinentes à comunidade da escola, com ênfase aos temas transversais. (PESSOA, 2011, p. 26).

De tal modo, esse gênero apresenta temas que fazem parte da vida dos alunos, facilitando no ato de leitura, compreensão e organização que o sustenta, apreendendo o significado do gênero para saber o que nele deve ser observado.

é importante destacar que a charge, além do seu caráter humorístico, e, embora pareça ser um texto ingênuo e desprezioso, constitui uma ferramenta de conscientização, pois ao mesmo tempo em que diverte, informa, denuncia e critica, constitui-se um recurso discursivo e ideológico. (MOUCO, 2007, p. 31).

Assim, como falamos sobre a noção de Gênero como a interseção congruente de tipos textuais e discursivos na seção "O gênero na Semiótica" ratificamos que a teoria semiótica preocupa-se, portanto, com a significação do discurso e um tipo de texto compreendendo-a de forma estrutural, pois essa união resultará em formas prototípicas de gêneros, Assim explica a significação a partir das diferenças entre os elementos de um sistema abstrato pressuposto ao texto.

Como afirmam Greimas e Courtés(1983, p.415),

A teoria semiótica deve apresentar-se inicialmente como o que ela é, ou seja, como uma teoria da significação. Sua primeira preocupação será, pois, explicitar, sob forma de construção conceptual, as condições de apreensão e da produção do sentido. Dessa forma, situando-se tradição saussuriana e hjelmsleviana, segundo a qual a significação é a criação e/ou a apreensão das "diferenças", ela terá que reunir todos os conceitos que [...] são necessários para estabelecer a definição da estrutura elementar da significação .

Então, a partir da leitura semiótica de charges, conduzimos os alunos a desenvolverem uma leitura crítica e enriquecedora para seu meio social que interaja com o a temática abordada no gênero em estudo, uma vez que , a Semiótica greimasiana trabalha com uma acepção estruturalista do conceito de "discurso", que seria então uma unidade de significado subjacente ao texto. Na dicotomia "expressão e conteúdo", o texto seria a expressão e o discurso, o conteúdo.

A classificação de um gênero parte do princípio que os diversos textos de um mesmo gênero devem manter uma "relativa estabilidade" entre si, o que não é diferente com a charge, uma vez que há charges virtuais, com animações, aquelas em os personagens falam e, algumas vezes, dispensam a caricatura, às vezes,

criando personagens que não estão associadas a pessoas reais, mas a criticidade desses textos está sempre presente, independentemente da forma como foi elaborado e o contexto de circulação.

Desde o final dos anos 1990 no Brasil, o conceito de gênero foi ressaltado nas orientações do ensino de língua materna graças aos os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997). Este documento traz uma proposta de estudo da linguagem sociointeracionista e histórica. Assim como os PCNs do estado de Pernambuco também traz em essa concepção, todos esses documentos ratificam a proposta de trabalho da BCC (2008) que afirma:

[...] a língua somente poderá ser entendida como uma ação contextualizada e historicamente situada; sempre inserida numa situação particular de interação e, portanto, nunca inteiramente despregada das condições concretas de uma determinada prática social, não podendo, assim, ser avaliada senão em situação. (BCC 2008, p. 67).

Além disso, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL, 1998, 1999) orientam que é necessário que a escola viabilize o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, considerando os diferentes gêneros, orientando-os a produzi-los e a interpretá-los. Assim, o estudante desenvolve um domínio sobre a língua, a ponto de compreender como a linguagem funciona na sociedade.

A BNCC traz como proposta de estudo os campos de atuação, permitindo considerar as práticas de linguagem, os conhecimentos sobre os gêneros, as configurações textuais e os demais níveis de análise linguística e semiótica, os quais devem poder ser revertido para situações significativas de uso e de análise para o uso.

Desse modo, a proposta de FONTANILLE (1999) de estudar o gênero como interseção congruente de tipos textuais e discursivos procura abordar o estudo do gênero em semiótica através da visão enunciativa.

Deve ficar claro aqui que partimos do pressuposto de que gêneros são atividades discursivas socialmente estabilizadas que se prestam aos mais variados tipos de controle social e até mesmo ao exercício do poder. (MARCUSCHI, 2008).

Assim, conclui-se que os gêneros textuais devem ser analisados ao nível do texto-enunciado e depois descritos os processos de integração ascendentes, propriedades morfológicas genéricas e descendentes; ou seja, fazermos uma análise do gênero charge a partir da semiótica discursiva utilizando o percurso gerativo da significação.

Portanto, a charge é um texto que para ser compreendido em sua plenitude o leitor precisa estabelecer diálogos com outros textos. Por isso, a importância dos educandos desenvolverem a competência leitora desses textos. Assim, eles são estimulados a ampliar seus conhecimentos linguísticos e culturais e entenderão que a prática da educação ambiental está associada à prática da cidadania. Senti falta de um aprofundamento do humor como característica fundamental da charge.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 TIPOLOGIA DA PESQUISA

Este trabalho foi realizado por meio de pesquisa qualitativa, a qual, de acordo com Costa (2011, p. 36), é o tipo de pesquisa que “busca esclarecer quais fatores contribuem de alguma forma para a ocorrência de algum fenômeno.”

Esta pesquisa qualitativa se propôs a elaborar uma ferramenta metodológica-pedagógica em modelos de oficinas que poderão ser aplicadas através da metodologia da pesquisa-ação que, segundo Michel Thiollent (2011), é definida como:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p.20).

A pesquisa-ação justifica-se pelo fato de que estarão nela envolvidos sujeitos participantes – os(as) alunos(as) e os(as) professores, numa estreita relação com o objeto da pesquisa, que é a leitura semiótica de charges.

Desse modo, a pesquisa aqui buscou se constituir de aspectos metodológicos que contribuíssem com uma ferramenta didático-pedagógica para o professor durante as aulas no eixo de leitura no ensino e aprendizagem de língua materna. Esse material possibilitará a leitura do gênero charge em turmas do módulo 5 da Educação de Jovens e Adultos (EJA), além de possibilitar a visão crítica quanto aos aspectos da educação socioambiental.

Para desenvolver essa pesquisa, coadunamos com as ideias de GREIMAS (2014), FIORIN (2018) e BARROS (2002) e traçamos caminhos para refletir sobre a contribuição da Semiótica Discursiva no ensino de leitura nos anos iniciais da educação Básica. Logo, ratificamos o que diz Minayo (1994, p. 25) sobre o que a pesquisa:

“labor artesanal [...] se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas, linguagem esta que se constrói com um ritmo próprio e particular.”

Assim, nessa perspectiva, embasados nos estudos aqui propostos, traçamos caminhos desde o conceito do gênero charge, até seus estudos em sala de aula. Cabe

salientar a questão que foi abordada nesse estudo quanto aos aspectos da temática do discurso socioambiental. Logo, esta escolha justifica-se porque a pesquisa qualitativa segundo CHIZZOTTI, 2006, p.69:

dedica-se à análise dos significados que os indivíduos dão às suas ações, no meio ecológico em que constroem suas vidas e suas relações, à compreensão do sentido dos atos e das decisões dos atores sociais ou, então, dos vínculos indissociáveis das ações particulares com o contexto social em que estas se dão (CHIZZOTTI, 2006, p. 69).

Para propor a aplicação dos estudos aqui descritos, nos baseamos nos modelos de oficinas pedagógicas por tratar-se de um momento de aprendizagem aberto e dinâmico, que possibilita o trabalho em equipe e a construção do conhecimento ativo e de modo coletivo. De acordo com Paviani e Fontana (2002):

uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva (p. 78).

Vale salientar também o que afirma González, citado por Candau, sobre a relevância do trabalho com oficinas pedagógicas.

tempo-espaco para a vivência, a reflexão, a conceitualização; como síntese do pensar, sentir e agir. Como 'o' lugar para a participação, a aprendizagem e a sistematização dos conhecimentos. Gosto da expressão que explica a oficina como lugar de manufatura e mentefatura. A partir das brincadeiras, da troca de experiências entre os participantes, confluem o pensamento, o sentimento e a ação. Dessa forma, a oficina pedagógica constitui o lugar do vínculo, da participação, da comunicação, da produção social de objetos, acontecimentos e conhecimentos (1995, p. 117)

Portanto, a partir dessa prática pedagógica corroboramos com os autores citados acima. Para nós, a oficina pedagógica é um espaço que proporciona discussão, reflexão, e favorece um espaço de prática pedagógica onde o aluno é sujeito de suas próprias experiências e o professor um mediador nesse processo.

3.2 DESCRIÇÃO DO LÓCUS E DO PÚBLICO-ALVO

Esse trabalho tem o objetivo de ser aplicado em turmas de módulo 5 da Educação de Jovens e Adultos, turmas essas que correspondem aos anos finais do Ensino Fundamental. Essa escolha deve-se ao fato de que segundo a BNCC (2018), na etapa do Ensino Fundamental do 6º ao 9º no campo jornalístico-midiático no eixo de leitura, o aluno deve:

construir conhecimentos e desenvolver habilidades envolvidas na escuta, leitura e produção de textos que circulam no campo, o que se pretende é propiciar experiências que permitam desenvolver nos adolescentes e jovens a sensibilidade para que se interessem pelos fatos que acontecem na sua comunidade, na sua cidade e no mundo e afetam as vidas das pessoas, incorporem em suas vidas a prática de escuta, leitura e produção de textos pertencentes a gêneros da esfera jornalística em diferentes fontes, veículos e mídias, e desenvolvam autonomia e pensamento crítico para se situar em relação a interesses e posicionamentos diversos e possam produzir textos noticiosos e opinativos e participar de discussões e debates de forma ética e respeitosa. (BNCC, 2008, p.142).

Nesse contexto, é importante salientar que essa prática de linguagem é exigida transpassar toda etapa do Ensino Fundamental, mas ainda assim, observamos a dificuldade dos alunos quanto à leitura de gêneros desse campo jornalístico-midiático, principalmente o gênero charge, uma vez que, geralmente, esse gênero envolve uma linguagem plurisemiótica. Assim, essa pesquisa tem muito a contribuir com a abordagem do eixo de leitura, uma vez que os alunos precisam fazer leitura de textos que partam da abordagem plurisemiótica, para que eles entendam as interações entre os sujeitos e o contexto social.

Os sujeitos da pesquisa são os alunos que estão cumprindo medida socioeducativa no CASE (Centro de Atendimento Socioeducativo), entidade de atendimento governamental pertencente à Fundação Nacional de Atendimento Socioeducativo – FUNASE, destinadas à ressocialização dos adolescentes em conflito com a lei. A escolha se dá, pois no município do Jaboatão dos Guararapes há uma unidade do CASE, que recebe muitos adolescentes oriundos de outros municípios do Estado de Pernambuco. Isso poderia proporcionar a expansão dos

objetivos dessa pesquisa para demais localidades, uma vez que esses adolescentes após o tempo de ressocialização, seguem para outras regiões.

Diante de tais questões, corroboramos com a Proposta Pedagógicas para os CASEs de Pernambuco que traz como pressupostos teóricos-metodológicos:

"um método de ensino que diz respeito às vivências dos diversos seres humanos e suas relações com o bairro, com a cidade, com o Estado, com o país e com o mundo, e, nesse contexto, articular com os direitos fundamentais da pessoa humana". (PERNAMBUCO, 2012, p. 18).

Associada a essa proposta, coadunamos com o que afirma a BNCC, 2018, p. 138, quando apresenta o objetivo do ensino de Língua Portuguesa no eixo de Leitura para os anos Finais do Ensino Fundamental:

amplia-se o contato dos estudantes com gêneros textuais relacionados a vários campos de atuação e a várias disciplinas, partindo-se de práticas de linguagem já vivenciadas pelos jovens para a ampliação dessas práticas, em direção a novas experiências.(BRASIL, 2018, p.18)

Com isso, podemos dizer que, como geralmente esses alunos estão fora da faixa etária para o ano corrente, o trabalho aqui apresentado pode contribuir como ferramenta de estudo para compreensão do gênero charge se baseando no domínio dos níveis de leitura Semiótica Discursiva.

Por esse motivo, propomos que essa pesquisa seja desenvolvida nos CASEs, pois, além do que já foi exposto acima, esses espaços são de restrição e de privação de liberdade, em alguns casos, inviabilizando esses estudantes de frequentar um programa externo, por exemplo, um curso profissionalizante. Então, a prática de oficinas-pedagógicas favoreceria a aplicação e mobilização dos saberes quanto ao eixo de leitura, pois a proposta é uma construção de conhecimento associada à ação de diferentes linguagens. Não queremos limitar o universo de aplicação dessa pesquisa, considerando também a possibilidade de aplicação em outros anos escolares e em outros espaços pedagógicos.

Desse modo, optamos pelo estudo de charges por ser um gênero que utiliza linguagem verbal e não-verbal e tratar sempre de temáticas do cotidiano, além de ser um gênero curto e leve, e, serem exigidos pelos PCNs, PCEs e BNCC. Assim, a análise semiótica desse gênero desenvolverá a leitura crítica dos alunos,

conscientizando-os que a responsabilidade socioambiental é para melhoria da vida em sociedade.

3.3 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS CHARGES COM BASE NA SEMIÓTICA DISCURSIVA

As charges selecionadas para análise e composição das oficinas-pedagógicas possuem o discurso socioambiental. Todas elas abordam a temática do crime ambiental, o vazamento de óleo ocorrido em algumas praias do litoral brasileiro, mas predominantemente nas praias da região Nordeste.

O vazamento de óleo no Brasil foi um derramamento de petróleo ocorrido no litoral, ou seja, um crime ambiental que atingiu as praias do litoral Sudeste e Nordeste. No final do mês de agosto de 2019, apareceram os primeiros registros de manchas no litoral da Paraíba. Até 21 de outubro, a contaminação havia atingido vários municípios dos nove estados da região Nordeste. Apesar do grande impacto causado por esse crime, e, o governo federal ter criado um grupo de trabalho para coordenar e investigar a origem dos fatos, nenhum navio ou empresa foi indicado como culpado.

Diante disso, selecionamos nosso *corpus* com foco na temática acima, pois, toda charge aborda assuntos reais, temáticas atualizadas e debatidas na sociedade em um momento pontual. Ou seja, é importante o leitor fazer o elo com os textos que motivou a publicação da charge. Dessa forma, nós analisamos as charges a partir do percurso Percurso Gerativo da Significação proposto pela Semiótica Discursiva. Logo, durante a análise das charges, considerarmos cada nível do percurso separadamente, assim, pretendemos dar uma visão geral das análises.

Figura 4 – Óleo nas praias¹⁰



A charge da figura 4 foi publicada pelo Jornal do Commercio do estado de Pernambuco no dia 26 de outubro de 2019, ou seja, quase dois meses depois que as primeiras manchas de óleo apareceram no estado da Paraíba. A publicação foi motivada pela omissão do Governo em acionar o Plano Nacional de Contingência para Incidentes de Poluição por Óleo (PNC). Assim, só no final de outubro, o Governo Federal decidiu reunir em Brasília órgãos para combaterem as manchas e criou o Grupo de Acompanhamento (AGG) que incluiu a Marinha, a Polícia Federal e o Ibama.

Em reportagem publicada no site Época negócios, em 18 de outubro de 2019, a professora de Direito Marítimo Ingrid Zanella, da Universidade Federal de Pernambuco diz que

"Até agora não se falou oficialmente em acionamento do PNC. Não temos outro instrumento em lei para conter esse tipo de dano, que certamente é de significância nacional. Temos que nos munir de todas as pessoas capazes de conter esse tipo de dano, e o PNC é o instrumento eficiente para esse tipo de situação".

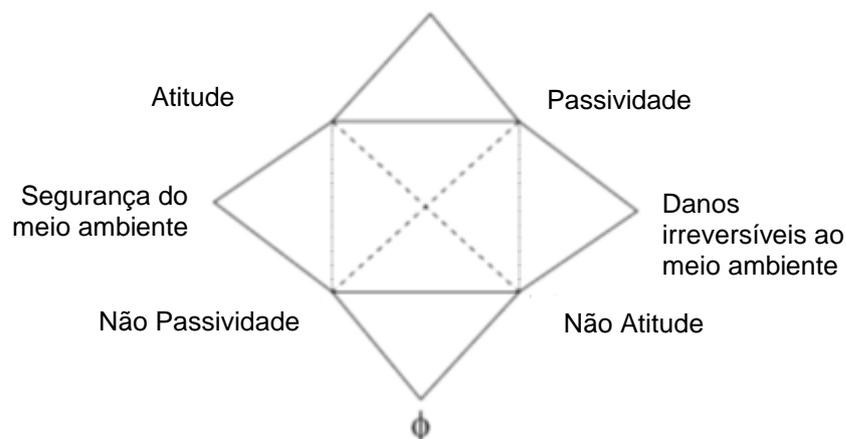
¹⁰ Charge publicada pelo Jornal do Commercio, em 26 de outubro de 2019. Disponível em: <https://jconlineinteratividade.ne10.uol.com.br/charge/2019,10,26,index.html#ch>. Acesso em: 20 jan. 2021.

Na mesma reportagem, o cientista Emilio Lebre La Rovere, professor do COPPE da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e coordenador do Laboratório Interdisciplinar de Meio Ambiente da universidade, ratifica a necessidade de acionar o PNC. Diante desse contexto social, a charge acima foi publicada fazendo referência a esse fato.

NÍVEL FUNDAMENTAL

No plano das estruturas fundamentais, há, nitidamente, a oposição binária elementar entre atitude e passividade. Uma vez que, se de um lado tem-se a sociedade brasileira, representada pela população local e a comunidade científica; no outro pólo observa-se a falta de esforços do governo na tomada de decisões que viessem a minimizar o quanto antes os efeitos causados pelo derramamento de óleo na costa nordestina.

Figura 5 - Octógono semiótico – Atitude X Passividade¹¹



Pela leitura do octógono semiótico, na Figura 5, percebemos que a falta de atitude do governo só agravou os danos causados pelo derramamento de óleo, bem como serviu para que os culpados por esse crime ambiental de proporções catastróficas não fossem penalizados com todo o rigor necessário, uma vez que após dois anos do ocorrido, ainda não há conclusão nesse caso, nem apareceram os

¹¹produção

verdadeiros culpados por esse crime. A Marinha do Brasil, em 07 de maio desse ano, quase 2 anos depois do ocorrido, divulgou após a retirada do sigilo do relatório da investigação, que foi entregue à Polícia Federal (PF) e ao Ministério Público Federal (MPF) em agosto do ano passado, que são suspeitos pelo derramamento de óleo no litoral brasileiro três navios. Segundo a Agência Brasil:

Com o apoio de instituições técnicas e científicas, públicas e privadas, brasileiras e estrangeiras, três navios foram apontados como principais suspeitos: Navio-Tanque (NT) BOUBOULINA; NT VL NICHIOH (em maio de 2020, o navio alterou seu nome para NT CITY OF TOKYO); e NT AMORE MIO (em março de 2020, o navio alterou seu nome para NT GODAM), informou a Marinha. (Agência Brasil, 2021)

Diante disso, observamos a relação passividade e a morosidade por parte do Governo em tomar uma atitude quanto ao derramamento de óleo no litoral brasileiro, enquanto que o impacto ao meio ambiente causado pelo desastre ainda traz sérias consequências.

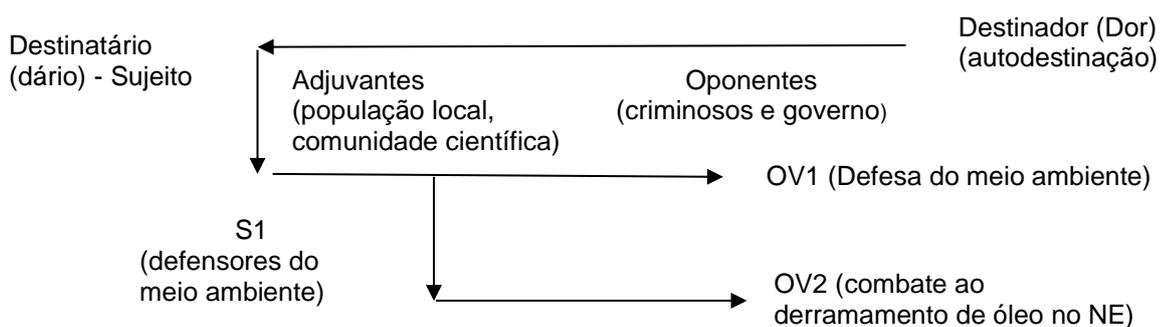
NÍVEL DAS ESTRUTURAS NARRATIVAS

Quanto ao plano narrativo, temos três sujeitos semióticos, a saber: Sujeito semiótico 1 (S1), os ambientalistas, comunidade científica e todos os afetados direta ou indiretamente pelo crime ambiental, a exemplo da fauna e da flora marinhos, bem como todos aqueles que dependem daquilo que o mar nos oferece, como alimento e lazer. O Sujeito semiótico 2 (S2) é representado pelos responsáveis pelo derramamento de óleo na costa nordestina. Por sua vez o Sujeito semiótico 3 (S3) é a representação dos membros do governo, figurativizado na charge pela personagem de desenho animado Bob Esponja.

Em seu programa narrativo, o S1, aqui resumido como “defensores do meio ambiente”, figurativizado na charge pelas imagens do homem e da mulher tem como objeto de valor principal a “preservação do meio ambiente”. Na tentativa de se manter conjunto a esse OV (Objeto de Valor 1, ele é autodestinado por um querer-protetor e tem como adjuvantes a população local, a comunidade científica, bem como os próprios prejudicados pelo crime ambiental, tais como animais marinhos, pescadores, turistas etc. Em clara oposição ao S1 estão os responsáveis pelo derramamento de

óleo e o governo, este último, justamente, por sua ineficiência no combate aos efeitos e punição dos responsáveis pelo crime ambiental em questão. Podemos ainda dizer que, em seu Programa Narrativo, o S1 tem como objeto de valor secundário (OV2- Objeto de Valor 2) o “combate ao derramamento de óleo no litoral nordestino”. Após a análise, podemos dizer que o S1 conclui o seu programa narrativo em disjunção com seu Objeto de Valor, uma vez que foram inevitáveis as consequências geradas pelo crime ambiental denunciado na charge.

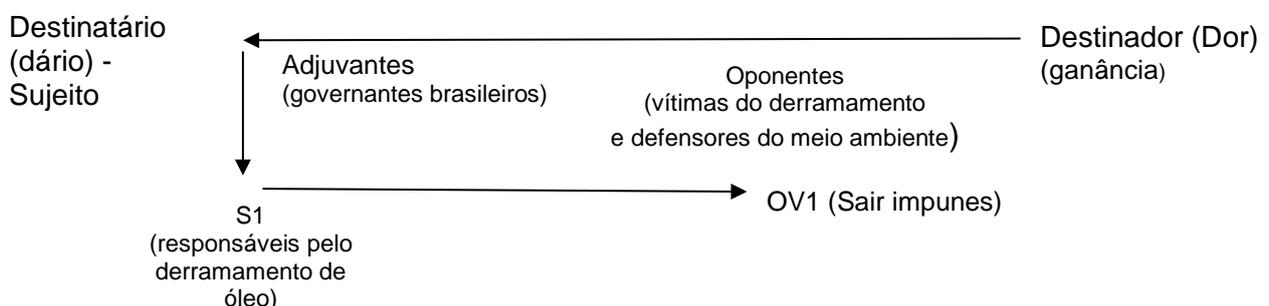
Sendo assim, o programa narrativo do S1 pode ter a seguinte representação:



Em seu Programa Narrativo, o S2, os criminosos responsáveis pelo derramamento de óleo no litoral nordestino, é motivado pela ganância na busca de seu Objeto de Valor (OV1), sai impune do crime cometido contra o meio ambiente. Para tanto, ele conta com a ajuda do governo, o qual foi ineficiente na atribuição da culpa e na punição dos verdadeiros responsáveis pelo crime ambiental. O S2 tem como oponentes na tentativa de manter-se sem punição, justamente, todos aqueles que lutam pela preservação do meio ambiente, bem como todas as vítimas do vazamento de óleo na costa do Nordeste brasileiro.

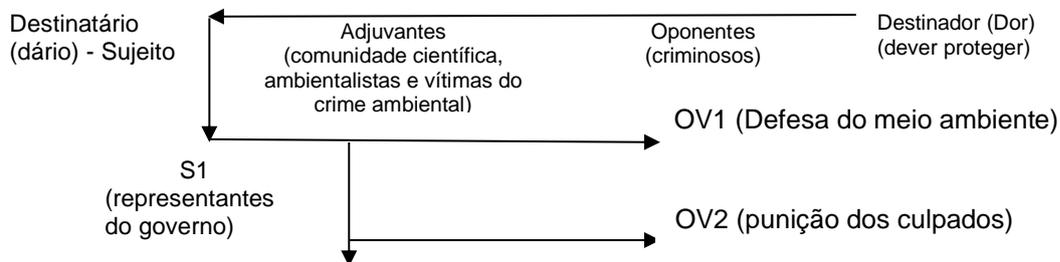
Então, fica nítido que o S2 conclui o seu programa narrativo em conjunção com seu Objeto de Valor, uma vez que os reais culpados pelo derramamento de óleo, como se vê ilustrado na charge, não foram responsabilizados pelo crime ambiental.

Sendo assim, o programa narrativo do S2 pode ter a seguinte representação:



O Sujeito semiótico 3 (S3) é figurativizado pelo personagem de desenho animado Bob Esponja, que simboliza, justamente, os representantes do governo que teriam a responsabilidade do combate e da punição de crimes ambientais como o ocorrido no litoral brasileiro. O S3 seria destinado por um “ter que defender” e conta, em seu programa narrativo com a ajuda dos ambientalistas, comunidade científica, e todos aqueles que dependem da manutenção de um meio ambiente preservado. Entretanto, vale ressaltar que o S3 termina seu programa em disjunção com seu OV1, preservar o meio ambiente, e com seu Objeto de Valor 2 (OV2), punir os culpados pelo crime ambiental, os quais são o oponente no programa narrativo do S3.

Por conseguinte, temos o seguinte esquema para representar o PN do S3:



PLANO DISCURSIVO

No plano discursivo, é o momento de análise do Percurso Gerativo da Significação (PGS) em que se manifestam as escolhas do sujeito da enunciação, no que se refere, a temporalização, a espacialização, figurativização etc. É nesse nível da análise que percebemos as estratégias que o enunciador lança mão na superfície textual.

Na charge intitulada “Óleo nas praias”, presente na Figura 4, temos a imagem de dois banhistas tentando ajudar o meio ambiente, mesmo sem a ajuda do governo e sem a utilização de roupas adequadas, pois os dois aparecem descalços, sem luvas, sem máscaras ou qualquer outro equipamento de proteção individual (EPI). Ela ilustra a tentativa dos banhistas de salvar uma tartaruga marinha vitimada pelo vazamento

de óleo, o que fica nítido pela presença de manchas negras sobre o animal e espalhadas por toda a areia da praia. Um dos banhistas/ambientalistas é figurativizado por uma mulher trajada com uma bermuda marrom e uma blusa verde, cor normalmente vinculada aos movimentos e organizações que lutam em defesa do meio ambiente.

Os governantes e sua ineficácia na proteção do meio ambiente, mais precisamente, no combate ao crime ambiental ocorrido no litoral brasileiro, são discursivizados pela frase “O governo mandou um representante”, a qual serve como uma introdução a um novo actante, figurativizado, de maneira bastante irônica, pela personagem de desenho animado Bob Esponja. A ironia se dá pelo comportamento insano que a esponja marinha tem no seriado da Nickelodeon, o que o tornaria, obviamente incapaz de ser o representante oficial do governo numa situação de catástrofe ambiental como a exposta na charge. Por fim, o fato de Bob Esponja aparecer montado sobre Gary, seu caracol de estimação, reforça a ideia de morosidade, de lentidão do governo na tomada de decisões para minimizar os problemas provocados pelo derramamento de óleo na costa brasileira.

É importante destacar que só é possível chegar a essa compreensão graças a intertextualidade com o seriado do Bob Esponja, pois assumimos aqui que todo texto é um recorte de contínuo textual do mundo.

Figura 6 – Manchas...¹²



¹² Blog do AFTM. Manchas... Publicada em 13 out. 2019. Disponível em: <https://blogdoaftm.com.br/charge-manchas/>. Acesso em: 24 de jun. 2021.

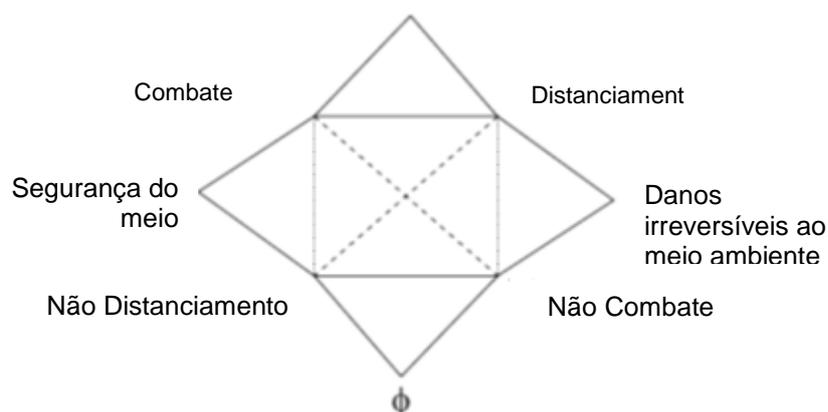
A charge da figura 6, que tem como título Manchas, foi publicada no dia 13 de outubro de 2019, no Blog do AFTM. Esse blog é formado por um grupo de advogados, que utiliza esse espaço para compartilhar notícias dos municípios brasileiros. Devido ao desastre ambiental causado pelo derramamento de óleo nas praias do Nordeste, notícias sobre as ameaças na economia do turismo nas praias das regiões afetadas começaram a ser publicadas, motivando, assim, a publicação da charge em análise. Além dos problemas ambientais causados pela mancha de óleo, era possível o impacto econômico nas atividades ligadas ao turismo: como hotelaria, transporte e alimentação.

Após a contextualização da publicação da charge, analisamos a construção dos sentidos concebidos em cada etapa do percurso semiótico.

NÍVEL FUNDAMENTAL

No nível das estruturas fundamentais, fica nítida a oposição binária entre o combate do governo sobre os impactos ambientais e sociais *versus* distanciamento do problema. Desse modo, nota-se, na imagem, os cientistas indicando todos os estados da região Nordeste atingidos pelo vazamento de óleo, em oposição à mancha laranja, representada pelo Ministério do Turismo. Assim, fica compreensivo o distanciamento geográfico, ou seja, o Ministério do Turismo se distancia do combate ao problema, acarretando danos econômicos e sociais nas áreas afetadas.

Figura 7 - Octógono semiótico – combate x Distanciamento¹³

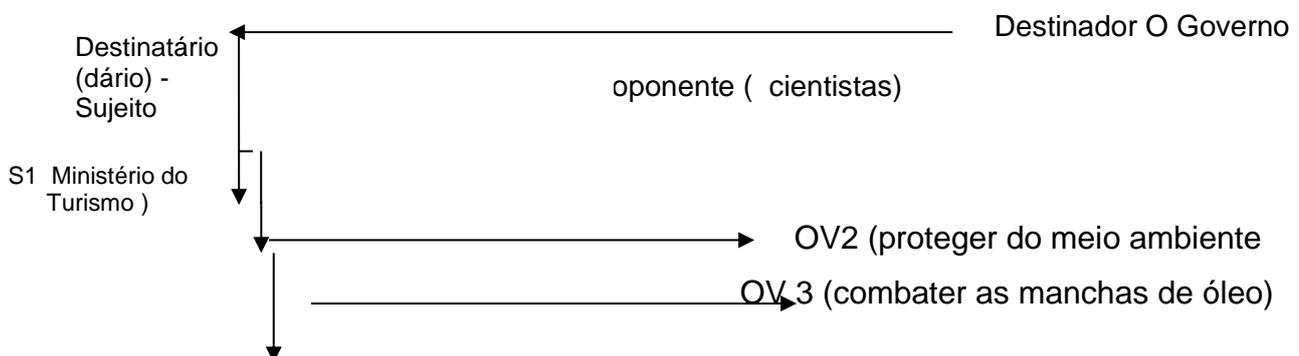


¹³produção

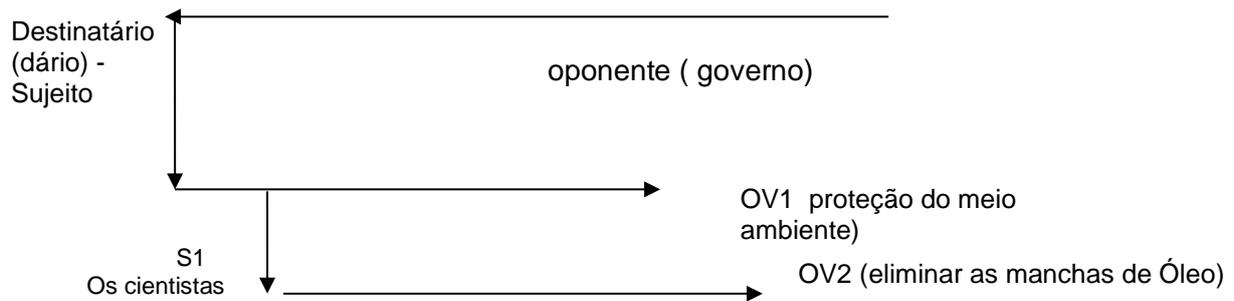
Logo, após a análise do octógono semiótico da figura 7, percebe-se a posição quanto ao silenciamento do governo, a não toma da de decisão diante do crime ambiental. Essa oposição semântica manifesta-se a partir dos elementos visuais manchas pretas vs. mancha laranja.

NÍVEL NARRATIVO

No segundo patamar, nível das estruturas narrativas, os elementos da oposição semântica assumem um papel de sujeitos. Por conseguinte, o sujeito semiótico (S1) da charge Manchas é o Ministério do Turismo, figurativizado na charge pela mancha laranja. Esse sujeito tem o papel de poder-lucrar através da hotelaria, transporte e alimento, que é seu objeto de valor principal. Ele tem como Destinator o *Governo* e como *oponente* os cientistas. Para atingir seu objeto de valor principal, o S1 tem que proteger o meio ambiente e combater as manchas de óleo. Porém ele não consegue e termina seu programa narrativo em disjunção com OV1, seu objeto de valor principal. Assim temos como programa narrativo do S1 a seguinte representação:



Percebe-se também nessa charge a presença de um outro Sujeito semiótico (S2), figurativizado pelos cientistas. Ele tem como Destinator o *combate*. Esse sujeito tem o papel de querer proteger o meio ambiente, mas ele tem como oponente o Governo, que permanece em distanciamento e falta de atitude com relação à proteção da costa Nordeste. Logo, temos como programa narrativo do S2 a seguinte representação:



NÍVEL DISCURSIVO

Na charge intitulada Manchas, presente na figura 6, observa-se no nível discursivo a figuratização do mapa do Brasil como representação do problema do derramamento de óleo que se alastrou pela costa Nordeste. As manchas pretas constituem a ideia do óleo, do produto que está prejudicando o meio ambiente. A mancha na cor laranja faz referência ao Governo, ou seja, o Ministério do Turismo, referência comprovada pela discursivização na fala dos cientistas.

Percebe-se, no rosto dos cientistas, um grau de apreensão quando indicam a oposição entre as manchas pretas, o derramamento do óleo, e, a mancha laranja, o Governo, demonstrando assim, o distanciamento do Governo ao combate da propagação do óleo nas praias do litoral Nordeste.

Figura 8 – Charge O tempo 26/10/2019¹⁴



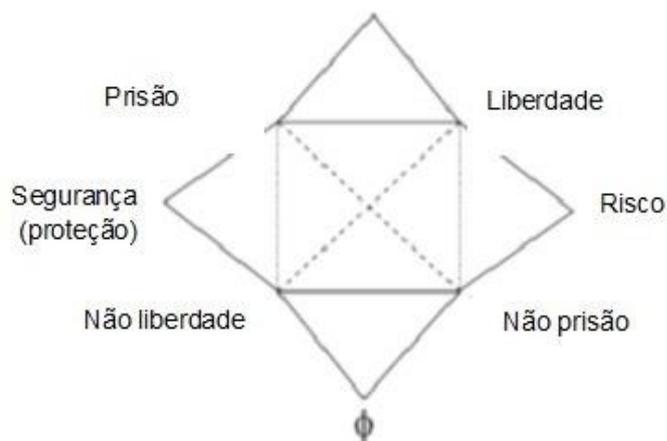
¹⁴ O tempo. Charge O tempo 26/10/2019. <https://www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-26-10-2019-1.2254251>. Acesso em: 24 jun. 2021.

A Charge, *O tempo*, presente na figura 8, tem um diferencial se compararmos com as charges anteriores, pois ela aborda, além da temática do vazamento do óleo, outros crimes ambientais ocorridos no ano de 2019. Portanto, isso só corrobora com o que foi já exposto na subseção sobre as características do gênero charge: é necessário o leitor estar atento ao contexto que motivou a produção da charge.

NÍVEL FUNDAMENTAL

No nível da estrutura fundamental, a charge da figura 8 abrange duas operações: a proteção x desproteção, ou seja, o passarinho e o peixe estão presos, mas estão protegidos, se estivessem soltos, estariam desprotegidos. Assim, é possível fazer uma leitura do octógono semiótico da seguinte maneira:

Figura 9 - Octógono semiótico – prisão x liberdade¹⁵

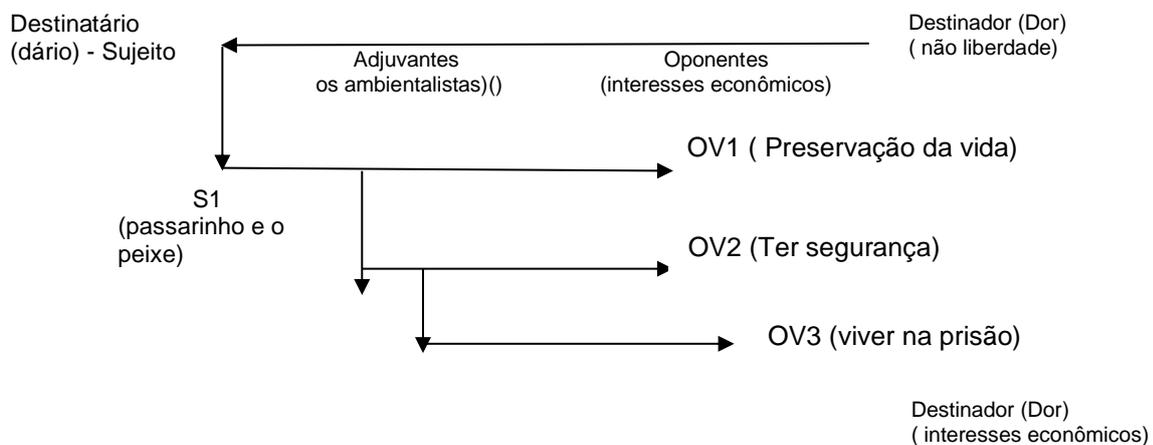


Após a leitura do octógono, figura 9, percebe-se que a oposição binária liberdade vs prisão, não-liberdade vs não-prisão. Portanto, a euforia, nesse texto, é aplicada pelo elemento prisão, e, a disforia, marcada pelo elemento liberdade, contrariando o valor que geralmente é empregado a esses termos.

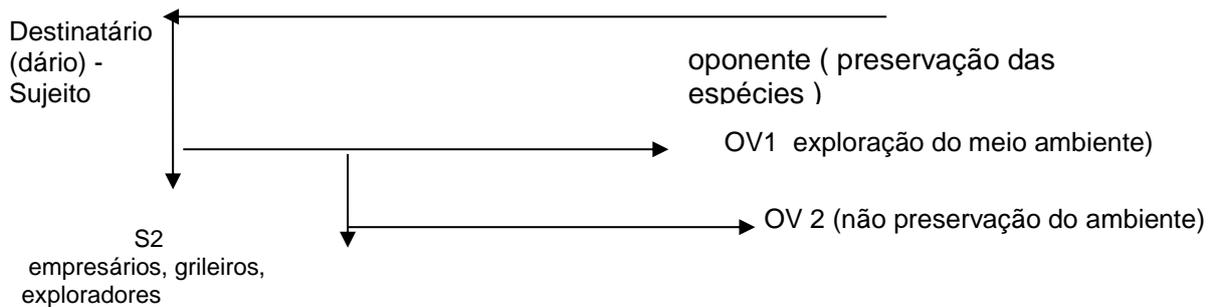
¹⁵produção

NÍVEL NARRATIVO

Na narratividade presente na charge *O tempo*, figura 8, há dois enunciados de estado. Eles estabelecem uma relação de disjunção e conjunção com os objetos de valor. O sujeito semiótico 1 (S1), *o passarinho e o peixe*, representam o meio ambiente, ele, o S1, está em conjunção com o objeto de valor principal, a preservação da vida. Ele tem como Destinador a *não-liberdade*, como adjuvante *os ambientalistas* e como oponente *os interesses econômicos*. Nesse plano narrativo, podemos dizer que o S1 tem como objetos de valor secundários a segurança (OV2), e a prisão (OV3), ou seja, quando ele mantém-se em conjunção com o VO2 OV3, consegue o objeto de valor 1: a preservação da vida. Portanto, temos a seguinte representação:



No plano narrativo do Sujeito semiótico 2 (S2), temos um sujeito em conjunção com seu objeto de valor principal: exploração do meio ambiente. Esse sujeito é representado pelos grandes empresários, os grileiros, todos aqueles que exploram o meio ambiente. São aqueles que vão de encontro com a preservação do mesmo. O S2 tem como Destinador os interesses econômicos e como oponente a preservação das espécies, ou seja, aqueles que defendem a preservação do meio ambiente, a liberdade das espécies. Percebemos, assim, que S2 termina seu percurso narrativo em conjunção com seu objeto de valor principal, porque é a não preservação do meio ambiente (OV2): queimadas, lamas, contaminação da terra por agrotóxicos, e, os interesses econômicos que prevalecem.



NÍVEL DISCURSIVO

Na charge, intitulada O tempo, temos a imagem de um passarinho preso em uma gaiola e um peixe preso no aquário. Essas imagens apresentam um discurso figurativo do papel dos sujeitos que, contraditoriamente, precisam estar presos para se sentirem seguros. A noção de prisão como algo ruim, nesse caso, se reverte em algo bom, porque quando o peixe está no aquário e o passarinho engaiolado, eles não têm liberdade, mas se sentem seguros quanto aos aspectos dos crimes ambientais, assim o humor se apoia na ironia.

Os crimes ambientais são discursivizados pela frase: " pelo menos aqui estamos a salvo das queimadas, dos vazamentos de óleo, da contaminação por agrotóxicos, da lama..." cada expressão dessa remete-nos a um crime ambiental ocorrido no ano de 2019, respectivamente, queimadas da Amazônia, derramamento de óleo no litoral Nordestino, liberação de agrotóxicos em alimentos e o crime da Vale em Brumadinho.

Além disso, fica perceptível a aceitação da discursivização do advérbio "aqui" se referindo à "prisão" como algo bom, fundamental para a preservação das espécies. Portanto, a não liberdade é necessária para defesa do meio ambiente.

3.4 OFICINAS

Em uma sociedade repleta de textos plurisemióticos, que exige que leitor acione uma gama de conhecimento para compreendê-los, é imprescindível que todo indivíduo possa ler e escrever com segurança e autonomia, pois são atribuições básicas para se inserir nas diversas práticas sociais que se utilizam da leitura e da escrita para o exercício da cidadania.

Pensando assim, propomos nesse trabalho uma metodologia de oficinas-pedagógicas, pois, como já foi citado anteriormente, coadunamos com a ideia de que oficinas-pedagógicas favorecem trocas de experiências e reflexões voltadas para ações práticas. Pois comungamos das mesmas ideias de KLEIMAM (2007) quando afirma que "os professores levem seus alunos a desenvolver continuamente as habilidades e atitudes necessárias a uma participação ativa e competente nas situações em que práticas variadas de leitura e escrita têm função essencial."

Portanto, pensando assim, propomos quatro oficinas, as quais desenvolverão os níveis da leitura do Percurso Gerativo da Significação de acordo com a Semiótica Discursiva. As oficinas poderão ser realizadas de forma que os alunos possam apropriar-se do gênero em questão e possam desenvolver e construir suas ideias. As oficinas pedagógicas serão organizadas da seguinte forma:

Quadro 7 - Ilustração das Oficinas

Oficina	Objetivos	Atividades	Duração (h/a)
1 ^a	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar a proposta do trabalho. - Apresentar o gênero charge. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da proposta para os alunos. - Aplicar atividade diagnóstica. - Estudo do gênero (conceito, características, contexto de produção e de circulação estilo e propósito comunicativo). 	3
2 ^a	Didatizando a teoria Semiótica.	-Compreensão/ interpretação de charges utilizando o nível Fundamental do Percurso Gerativo da Significação.	3

3ª	Didatizando a teoria Semiótica.	Leitura de charges. Compreensão/interpretação utilizando o nível Narrativo do Percurso Gerativo da Significação.	3
4ª	Didatizando a teoria Semiótica	Compreensão/interpretação utilizando o nível Discursivo do Percurso Gerativo da Significação.	3

2.4.1 1ª OFICINA: Conhecendo o gênero charge

Quadro 8 - Plano de curso da Oficina 1

Encontros 1, 2 3 (Oficina 1)	
<p>Objetivo Geral: Apresentar a proposta de trabalho para os alunos: compreensão/ interpretação do gênero Charge com fundamentos na teoria da Semiótica Discursiva. .</p> <p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Esclarecer os objetivos do trabalho. ● Expor o Cronograma das oficinas. ● Aplicar atividade diagnóstica sobre leitura e compreensão do gênero Charge. ● Explicitar sobre a composição do gênero, as características, o conteúdo temático, o estilo e o propósito comunicativo. 	
Eixo de ensino	<ul style="list-style-type: none"> ● Leitura ● Oralidade ● Escrita

Passo a Passo	<ul style="list-style-type: none"> ● Conversa com os alunos sobre o trabalho. ● Exposição e entrega do cronograma das oficinas que serão realizadas durante o período de estudos. ● Aplicação da atividade diagnóstica. ● Realizar a leitura do gênero charge. ● Explicitar sobre a composição do gênero, características, composição, conteúdo temático, estilo e propósito comunicativo.
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> ● Ficha com o cronograma das oficinas ● Ficha com a atividade diagnóstica. ● Canetas coloridas. ● Pasta acrílica para cada aluno com seus respectivos nomes para guardamos cada atividade realizada nas oficinas. ● Notebook. ● Datashow.
Avaliação	Será avaliado a oralidade, os comentários e o envolvimento dos alunos durante a apresentação da proposta das oficinas.

A primeira oficina "Conhecendo o gênero charge" acontecerá em um encontro com duração de três aulas de trinta minutos cada. Com salas em semicírculos, cada aluno receberá sua pasta acrílica e a ficha com o cronograma das oficinas (apêndice A).

Em seguida, o docente deverá entregar a ficha com a atividade diagnóstica (apêndice B), sobre compreensão e interpretação do gênero charge. Cada estudante terá um tempo para responder. Após esse momento, o docente projeta a ficha na lousa, faz uma leitura compartilhada da charge e vai conversando com os alunos sobre as respostas deles. O professor responsável pela oficina vai aproveitando esse momento de conversa para expor a composição do gênero, as características, o

conteúdo temático, o estilo e o propósito comunicativo. Durante esse momento, o professor ressaltará que a temática das charges estudadas durante o curso será sobre o discurso socioambiental.

Para finalizar, cada aluno poderá escrever sobre uma notícia recente relacionada ao impacto ambiental que ele tenha tido conhecimento. Essa atividade tem o objetivo de sondar como está o conhecimento dos alunos a respeito dessa temática, uma vez que, abordaremos sobre ela nas demais oficinas. Em seguida, o docente projeta na lousa manchetes de jornais sobre a temática dos crimes ambientais: queimadas da Amazônia, crime da Vale em Brumadinho, aumento da quantidade de agrotóxicos nos alimentos, derramamento de óleo nas praias do litoral Nordestino (apêndice C). Em uma roda de conversa, cada aluno terá oportunidade de expor suas novas experiências com o gênero charge.

2.4.2 2ª OFICINA: Percebendo as oposições binárias elementares das charges

Quadro 9 - Plano de curso da Oficina 2

Encontros 1, 2 3 (Oficina 2)	
<p>Objetivo Geral: Propiciar, a partir da leitura e interpretação de charges, que aspectos recebem valoração tímica positiva ou negativa, ou seja, se são avaliados positivamente ou negativamente, as oposições binárias elementares.</p> <p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Estudar o conceito do nível Fundamental do Percurso Gerativo da Significação de forma didática. ● Conduzir o aluno à compreensão/interpretação das charges apresentadas. <ul style="list-style-type: none"> ● Utilizar o conceito do nível Fundamental do percurso gerativo da Significação ● Analisar charges com embasamento no nível Fundamental do Percurso Gerativo do Sentido. 	
Eixo de ensino	● Leitura

	<ul style="list-style-type: none"> ● Oralidade ● Escrita
Passo a Passo	<ul style="list-style-type: none"> ● Exposição do conceito do nível Fundamental do Percurso Gerativo da Significação de forma didática. ● Aplicação dos conceitos semióticos nas charges em estudo. ● Realização das interpretações/compreensões das charges.
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> ● Ficha com charges. ● Post -it. ● Notebook. ● Datashow.
Avaliação	<p>Será avaliado a oralidade, os comentários e o envolvimento dos alunos durante a apresentação da proposta das oficinas.</p>

A segunda oficina, "Percebendo as oposições binárias elementares das charges", ocorrerá em um encontro de três aulas, cada aula terá duração de 30 minutos. Para iniciar esse momento, serão entregues para os alunos cartões com palavras de campo semânticos opostos. Em dupla, os alunos terão oportunidade de agrupar as palavras de sentidos opostos. Exemplos: atitude x passividade; segurança do meio ambiente x danos irreversíveis ao meio ambiente; não passividade x não atitude; proximidade x distanciamento; não distanciamento x não proximidade; combate x apoio; não-combate x não-apoio; prisão x liberdade; não liberdade x não prisão ; proteção x risco. Em seguida, os alunos deverão apresentar de forma rápida essas palavras agrupadas. Depois da apresentação dos alunos, o professor projeta a charge na lousa, entrega a ficha com a charge e um questionário norteador para a análise coletiva do texto (apêndice D).

Figura 10 – Charge O tempo 26/10/2019¹⁶



Numa roda de conversa, os alunos respondem as questões da ficha (apêndice D). Para finalizar, cada aluno receberá uns *post-it*, para criar novas definições semânticas, ou seja, relações binárias da análise do Nível Fundamental que estejam relacionadas com a charge em análise. O professor cola uma imagem de uma árvore na parede da sala. Em seguida, entrega os *post-it* para cada aluno e solicita que eles representem novas oposições semânticas sobre o texto em análise e colem na imagem da árvore.

2.4.3 3ª OFICINA: Reconhecendo os actantes presentes na narrativa

Quadro 10 - Plano de curso da Oficina 3

Encontros 1, 2 3 (Oficina 3)	
<p>Objetivo Geral: ● Estudar o conceito do Nível Narrativo do Percorso Gerativo da Significação de forma didática.</p> <p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Conduzir o aluno à compreensão/interpretação das charges apresentadas. ● Utilizar o conceito do nível Narrativo do Percorso Gerativo da Significação (sujeitos, objetos de Valor, adjuvantes, oponentes , antissujeitos, destinadores) ● Analisar as charges com embasamento no nível Narrativo do Percorso Gerativo da Significação. 	
Eixo de ensino	<ul style="list-style-type: none"> ● Leitura ● Oralidade ● Escrita

¹⁶ O tempo. Charge O tempo 26/10/2019. <https://www.otempo.com.br/charges/charge-o-tempo-26-10-2019-1.2254251>. Acesso em: 24 jun. 2021.

Passo a Passo	<ul style="list-style-type: none"> ● Exposição do conceito do nível Narrativo do Percurso Gerativo do Sentido de forma didática. ● Aplicação dos conceitos semióticos nas charges em estudo. ● Realização das interpretações/compreensões das charges em estudo.
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> ● Fichas impressa com as charges. ● Notebook. ● Datashow.
Avaliação	Será avaliado a oralidade, os comentários e o envolvimento dos alunos durante a apresentação da proposta das oficinas.

A terceira oficina, "Reconhecendo os actantes presentes na narrativa", acontecerá em um encontro com duração de três aulas de trinta minutos cada. Para iniciar esse momento, o professor entrega uma ficha (apêndice E) para cada aluno, a mesma também será projetada na lousa. O professor conduz as perguntas da ficha. Em seguida, em forma de rota de conversa inicia-se a discussão sobre a opinião que cada aluno tem com relação a charge em análise.

Figura 11 – Manchas...¹⁷



Nesse momento, o professor responsável pela oficina aborda a organização narrativa presente na charge aproveita ouvi as respostas dos alunos, é importante que o professor tenha o cuidado de ser um facilitador, nesse processo.

Para concluir esse momento, o docente solicita que cada aluno escreva um comentário sobre sua competência e performance como sujeito que deve se manter em conjunção com a proteção do meio ambiente.

2.4.4 4ª OFICINA: Identificando as escolhas discursivas do sujeito da enunciação

Quadro 11 - Plano de curso da Oficina 4

Encontros 1, 2 3 (Oficina 4)
<p>Objetivo Geral: ● Identificar as escolhas discursivas do sujeito da enunciação) Foco narrativo (quem tem fala, quem é o narrador, em que órgão de comunicação foi publicada).</p> <p>Objetivos específicos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Estudar o conceito do Nível Discursivo do Percurso Gerativo da Significação de forma didática. ● Conduzir o aluno à compreensão/interpretação das charges apresentadas.

¹⁷ Blog do AFTM. Manchas... Publicada em 13 out. 2019. Disponível em: <https://blogdoaftm.com.br/charge-manchas/>. Acesso em: 24 de jun. 2021.

<ul style="list-style-type: none"> ● Utilizar o conceito do nível Discursivo do Percurso Gerativo da Significação (Temporalização, figurativização, discursivização) ● Levar os alunos a perceberem a relação entre o verbal e o não verbal. ● Refletir sobre a contribuição dos conceitos de Semiótica para o desenvolvimento da leitura crítica dos alunos. 	
Eixo de ensino	<ul style="list-style-type: none"> ● Leitura ● Oralidade ● Escrita
Passo a Passo	<ul style="list-style-type: none"> ● Exposição do conceito do nível Discursivo do Percurso Gerativo do Sentido de forma didática. ● Aplicação dos conceitos semióticos nas charges em estudo. <ul style="list-style-type: none"> ● Realização das interpretações/compreensões das charges em estudo.
Recursos	<ul style="list-style-type: none"> ● Fichas impressa com as charges. ● Post -it. ● Notebook. ● Datashow.
Avaliação	<p>Será avaliado a oralidade, os comentários e o envolvimento dos alunos durante a apresentação da proposta das oficinas.</p>

A quarta e última oficina, "Identificando as escolhas discursivas do sujeito da enunciação", também ocorrerá em um encontro com duração de três aulas, com trinta minutos cada aula. Com a sala em semicírculo, o professor entrega a ficha como questionário (apêndice F) e conduz o direcionamento da discussão, a ficha também é projetada na lousa. Cada pergunta abre o debate para discussão sobre os recursos de escolhas das figuras, do tema e do discurso. O aluno tem oportunidade de se posicionarem quanto ao discurso socioambiental, partindo das escolhas discursivas.

Após esse momento, o docente responsável pela oficina solicita que o aluno observe a charge em análise e escreva uma palavra que faça referência ao tema. Assim para formarmos uma nuvem de palavras.

Figura 12 – Óleo nas praias¹⁸



Para finalizar, em uma roda de conversa, cada aluno tem a oportunidade de expressar sua experiência com o gênero charge, além de falar sobre cada encontro das oficinas.

¹⁸ Charge publicada pelo Jornal do Commercio, em 26 de outubro de 2019. Disponível em: <<https://jconlineinteratividade.ne10.uol.com.br/charge/2019,10,26,index.html#ch>>. Acesso em: 20 jan. 2021.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como docente de língua portuguesa, entendemos nessa pesquisa a necessidade de utilizar uma teoria em sala de aula que possibilite aos educandos o domínio da compreensão leitora e escrita, que conduza o aluno a ir além da superfície textual. Assim, corroboramos que a Semiótica Discursiva tem muito a contribuir com o ensino de língua materna, uma vez que essa teoria interessa-se em estudar a significação textual e os mecanismos que engendram e constituem o texto como um todo significativo.

Dessa forma, partimos da concepção de que a abordagem do ensino de língua materna deve repercutir positivamente na formação do cidadão. Como afirma ANTUNES (2009, p.35):

*"As línguas estão a serviço das pessoas, de seus propósitos interativos reais, os mais diversificados, conforme as configurações contextuais, conforme os eventos e os estados em que os interlocutores se encontram. Daí por que o que existe, na verdade, é a *língua-em-função*, a língua concretizada em atividades, em ações e em atuações comunicativas; isto é, a língua como modo de ação, como forma de prática social, direcionada para determinado objetivo.*

Assim, ao logo dessa pesquisa acreditamos que para possibilitar o desenvolvimento da competência leitora nos discentes foi necessário utilizar o domínio dos níveis de leitura da teoria da Semiótica Discursiva, porque acreditamos que esses níveis trazem subsídios para desenvolver a leitura de textos multisemióticos, possibilitando posturas políticos-sociais sobre momentos da vida, no caso da pesquisa em ação, sobre o discurso socioambiental presente nas charges. Com isso em vista, recomendamos levar para sala de aula um modo de estudar o gênero textual como sugere Fontanille (2008a), relacionando o plano de imanência dos objetos suporte e das práticas discursivas. Desse modo, o gênero charge tem muito a contribuir, uma vez que esse gênero apresenta uma linguagem verbal e não-verbal e por ter sua temática sempre relaciona a um fato do cotidiano.

Nesse contexto, a metodologia de oficinas pedagógicas aqui propostas para ser desenvolvidas em sala de aulas, tem muito a contribuir, pois, é uma forma que favorece a discussão, abre espaço para que o docente escute os alunos, e, estes sejam protagonistas nas ações pedagógicas.

Nessa perspectiva, o Percorso Gerativo da Significação em seus níveis de leitura descreve e explica o texto, contribuindo para uma análise textual que vai complexificando e concretizando as estruturas mais abstratas e profundas até chegar ao nível mais complexo, a um plano de expressão.

Desta forma, esperamos que a contribuição da teoria semiótica em sala proporcione além de uma visão crítica do desenvolvimento de habilidades e competências leitoras, ressignifique práticas com enfoque em posturas ética e democráticas por parte dos alunos.

Isso tudo pode ser possível, uma vez que através do discurso das charges aqui estudadas, todas com o discurso socioambiental, favoreça a ampliação do discurso dos discentes. Proporcionando possíveis articulações entre o conhecimento pedagógico e os conhecimentos necessários para atuarem em sociedade, ou seja se fazerem ativo em seu papel social.

Por meio dessa pesquisa, consideramos que a dinâmica dessa dissertação tem muito a contribuir com o ensino de língua portuguesa. Mesmo já havendo muitas pesquisas nessa área de estudos, nossos estudos têm suas particularidades e seu direcionamento inovador.

Por fim, esperamos ter aberto caminhos que direcionem a compreensão da elaboração de textos mais complexos e formais, de textos multissemióticos e de um avanço da fluência verbal. Pois, corroboramos que funcionalidade da linguagem é relevante para se construir cultura, sociedade e história.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.

_____. **Textualidade: noções básicas e implicações pedagógicas**. São Paulo: Parábola, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 2002.

BARTHES, Roland. **O prazer do Texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1977.

_____. **Retórica da Imagem. O Óbvio E Obtuso**. Lisboa: Edições 70, 1982. .

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (versão final homologada). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2018.

BUNZEN, C; MENDONÇA, Márcia. Sobre o ensino de língua materna no ensino médio e a formação de professores. IN. BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, M (Orgs). **Português no Ensino Médio e Formação de Professores**, São Paulo: Parábola, 2006.

CARUSO, C. **Não tenho palavras**. São Paulo: Circo Editorial, 1984.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 2006.

COSTA, Marco Antônio da. **Projeto de pesquisa: entenda e faça**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DISCINI, Norma. **Comunicação nos textos**. São Paulo: Contexto, 2005.

FIORIN, José Luiz. (org.) **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Elementos de Análise do Discurso**, São Paulo: Contexto, 2018.

_____. **As Astúcias da Enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 1999.

_____. **Em busca do Sentido: estudos discursivos**. São Paulo: Contexto, 2008

_____. **Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva**. Revista D.E.L.T.A., vol.15, nº 1, 1999, p.177-207.

_____. **A Noção de Texto na Semiótica.** Organon: Revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul., v. 9, n. 23, p. 165– 176, 1995.

_____. **Enunciação e Semiótica.** Letras, n. 33, p. 69-97, dez. 2006. Disponível em: . Acesso em: 26 set. 2020.

Fonseca, J. da. **Caricatura: A imagem gráfica do humor.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.

FONTANILLE, Jacques. **Significação e Visualidade.**/ Jacques Fontanielle; tradução Elizabhet Bastos Duarte e Maria Lília Dias de Castro. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **Semiótica do discurso.** São Paulo: Contexto, 2007. 286 p.

Flores, O. (2002). *A leitura da charge.* Canoas: Ed. Ulbra.

FRANCHI, C. **Criatividade e gramática.** São Paulo: Secretaria da Educação, Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1991.

GOODWIN, R. **A monovisão dos estereótipos no desenho de humor contemporâneo.** In: Lustosa, I. (org.). Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais. (pp.535-555). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

GREIMAS Algirdas Julien& COURTÉS, Joseph. **Dicionário de semiótica.** São Paulo: Cultrix, 1983.

_____. **Semântica estrutural.** Tradução de H. Osakape e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix/EdUSP, 1973.

_____. **Sobre o sentido:** ensaios semióticos. Petrópolis: Vozes, 1975.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem.** São Paulo: Perspectiva, 1975.

_____. **Ensaio linguísticos.** São Paulo: Perspectiva, 1991.

Instituto Trata Brasil. Painel de Saneamento. Dados de 2018. Disponível em: <<https://www.painelsaneamento.org.br/saneamentomais/index?id=3&S%5Bid%5D=260790> acesso em 25/03/2020 >.

JAKOBSON, R. **Aspectos linguísticos da tradução.** In: _____. Linguística e comunicação. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.

KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. São Paulo: Parábola, 2011.

KLEIMAN, Â. Letramento e suas implicações para o ensino de língua materna. **Signo**, Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 32, n. 53, p. 1-25, 2007. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/242>. Acesso em: 30 maio. 2021.

LARA, Glaucia Muniz Proença et al. **Transgredindo os gêneros do discurso: entre a teoria e a prática**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2010.

_____. Glaucia M. P; MACHADO, Ida Lucia; EMEDIATO, Wander (orgs.) **Análise do Discurso Hoje**, v. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira / Lucerna, 2008.

_____. Glaucia M. P; MATTE. A.C.F. , **Ensaio de Semiótica: aprendendo com o texto**, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

LIMA, E. S de. De triagens a misturas: por uma compreensão semiótica do processo de transposição didática. **Estudos Semióticos**, São Paulo: FFLCH-USP, v. 15, n. 2, dossiê temático “Contribuições da Semiótica e de outras teorias do texto e do discurso ao ensino”, p. 114-132, 2019. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/165206/158320>. Acesso em: 30 maio. 2021.

_____. (Multi)letramentos na escola: proposições da semiótica discursiva à ação didática. **Revista do GEL**, v. 16, n. 3, p. 165-190, 2019. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

LOPES, Carlos Ivã; HERNANDES, Nilton (org.) **Semióticas: objetos e práticas**, São Paulo: Contexto, 2005.

MACÊDO, J. E. T.; SOUZA, M. L. G. A charge no ensino de história. Disponível em: http://www.anpuhb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2004%20%20Jos%C3%A9%20Emerson%20Tavares%20de%20Macedo%20TC.PDF. Acesso em 18 jun 2021>.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

Maringoni, G. **Humor da Charge política no jornal**. In: *Comunicação & Educação*, 7, 85-91, 1999

Marques De Melo, J. **Jornalismo opinativo**. Campos do Jordão: Editora Mantiqueira, 2003

MIANI, R. A. **Charge: uma prática discursiva e ideológica**. In: *9ª Arte*. 1(1), 37-48. São Paulo, (2012, jan./jun.).

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: _____ (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro, 1994. p. 9-29.

MOURA, Adriano Carlos. **O Espetáculo Semiótico do Maracatu Rural da Zona da Mata Norte Pernambucana**. 2016(TESE) Doutorado. Universidade Federal da Paraíba. Paraíba. 2016.

OLIVEIRA, Ana Cláudia; TEXEIRA, Lucia (Orgs.). Linguagens na **Comunicação: desenvolvimento de semiótica**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

Parâmetros para a Educação Básica do Estado de Pernambuco. **Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa Para o Ensino Fundamental e Médio**. Disponível em: http://www.educacao.pe.gov.br/portal/upload/galeria/4171/lingua_portuguesa_ef_em.pdf Acesso em: 05 maio 2020.

PIETROFORTE, A. V. **Análise do texto visual**. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **Semiótica visual: os percursos do olhar**. São Paulo: Contexto, 2007. Proposta Pedagógica CASEs Pernambuco

PORTELA, Jean Cristtus. **Semiótica midiática e níveis de pertinência**. In: DINIZ, M.L.V.P.; PORTELA, J.C. (Orgs.). **Semiótica e Mídia: textos, práticas, estratégias**. Baruru: Unesp/Faac, 2008, p.93-113.

_____. Jean, Cristtus; SCHWARTZMANN, M. Nogueira. A Noção de Gênero em Semiótica. IN: PORTELA, C.J; BEVIDAS, W; LOPES, I.C; SCHWARTZMANN, M.N; (Orgs). **Semiótica: identidade e diálogos**: São Paulo, Cultura Acadêmica, 2012.

ROMUALDO, Edson Carlos. **Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo de charges da folha de S. Paulo**. Maringá: EDUEM, 2000.

SILVA, D. B. **A charge em sala de aula**. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2011. Disponível em: <<https://www.filologia.org.br/ixcnlf/5/03.htm> acesso 18/01/21 >.

Sodré, N. W. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Intercom; Porto Alegre: Edipucrs, 2011

TATIT, Luiz. **A abordagem do texto**. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística**. v.1. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. **Para uma metodologia de análise de textos verbo/visuais**. In: OLIVEIRA, A. C. TEIXEIRA, L. (orgs). **Linguagens na comunicação**: São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.

TEIXEIRA, L. Ensinar a ver, ensinar a gostar. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 37, n. 3,

p. 335-340, 2008a.. Disponível em:
http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N3_34.pdf.
Acesso em: 27 ago. 2010.

_____ FARIA, K.; SOUSA, S. Textos multimodais na aula de português: metodologia de leitura. **Desenredo**, v. 10, n. 2, p. 314-336, 2014. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4295> Acesso em: 20 ago. 2019.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2011

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-05/marinha-tres-navios-saosuspeitos-por-manchas-de-oleo-no-ne-em-20> Publicado em 07/05/2021 - 21:30
Por Agência Brasil - Brasília acesso em 23/06/2021.

[https://ipam.org.br/queimadas-na-amazonia-em-2019-seguem-o-rastro-dodesmatamento/\(manchete do jornal\)](https://ipam.org.br/queimadas-na-amazonia-em-2019-seguem-o-rastro-dodesmatamento/(manchete%20do%20jornal)) acesso em 23/06/21

<https://noticias.r7.com/saude/saiba-como-os-novos-agrotoxicos-liberados-em-2019-afetam-a-comida-05062019> acesso em 23/06/21

<https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/10/procuradoria-entra-com-acao-para-que-governo-acione-plano-de-incidentes-com-oleo.shtml>) acesso em 23/06/21

<https://epocanegocios.globo.com/Brasil/noticia/2019/10/o-plano-para-conter-derrames-de-petroleo-que-nao-foi-acionado-pelo-governo-federal-para-o-nordeste.html>

**APÊNDICE A - 1ª OFICINA: CONHECENDO O GÊNERO CHARGE -
ILUSTRAÇÃO DAS OFICINAS**

Oficina	Proposta	Atividades	Duração (h/a)
1ª	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar a proposta do trabalho. - Apresentar o gênero charge. 	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação da proposta para os alunos. - Aplicar atividade diagnóstica. - Estudo do gênero (características, composição, conteúdo temático, estilo e propósito comunicativo). 	3
2ª	Didatizando a teoria Semiótica.	-Compreensão/ interpretação de charges utilizando o nível Fundamental do Percurso Gerativo da Significação.	3
3ª	Didatizando a teoria Semiótica.	Leitura de charges. Compreensão/interpretação utilizando o nível Narrativo do Percurso Gerativo da Significação.	3
4ª	Didatizando a teoria Semiótica	Compreensão/interpretação utilizando o nível Discursivo do Percurso Gerativo da Significação.	3

APÊNDICE B - 1ª OFICINA: CONHECENDO O GÊNERO CHARGE - PERGUNTAS

Leia a charge abaixo, e responda as perguntas proposta.



1. A charge é um gênero construído a partir de outras informações. Qual(is) outra(s) informações você precisa ter para entender a charge?
2. Identifique que tema é abordado na a charge acima.
3. Qual o tipo de linguagem quanto a formalidade é usada no gênero charge?
4. Que tipo de crítica faz essa charge?
5. Onde e para que foi publicada essa charge?
6. Identifique o efeito de ironia presente o texto acima.
7. Identifique os sujeitos que fazem o papel de narrador (eu) e o narratário(tu).
8. Comente o efeito de sentido causado pelo advérbio "aqui".

APÊNDICE C - 1ª OFICINA: CONHECENDO O GÊNERO CHARGE – MANCHETES DE JORNAIS

Você lerá algumas manchetes de jornais relacionadas aos crimes ambientais ocorridos no Brasil no ano de 2019.

"Queimadas na Amazônia em 2019 seguem o rastro do desmatamento"

20.08.2019

Saiba como os novos agrotóxicos liberados em 2019 afetam a comida

Anvisa afirma que os 197 novos produtos são seguros em relação aos alimentos; toxicologista ressalta que uso inadequado pode elevar toxicidade

05/06/2019

Tragédia em Brumadinho

Barragem da mineradora Vale se rompeu na sexta-feira (25) em Minas Gerais e derramou um mar de lama, atingindo casas, uma pousada, um refeitório e outros locais, deixando mortos e desaparecidos. Galeria reúne fotos dos 3 primeiros dias desde o desastre.

25/01/2019

Vazamento de óleo no litoral do Nordeste é o maior do país, diz Procuradoria

Procuradoria pede que governo ative plano de contingência em 24 h; desastre é o maior em extensão

18.out.2019

APÊNDICE D - OFICINA: PERCEBENDO AS OPOSIÇÕES BINÁRIAS ELEMENTARES DAS CHARGES

Faça novamente a leitura dessa charge, pois na oficina de hoje analisaremos os mecanismos que podem contribuir com a compreensão do texto.



1. Retomando o que discutimos na oficina 1, justifique o posicionamento argumentativo presente na charge.
2. Explique como a charge se organiza em sua estrutura composicional.
3. Identifique figuras que representem pólos de oposição de sentido na charge.
4. Comente a definição semântica da expressão "aqui estamos salvo" no contexto da charge.
5. Depreenda quem são os possíveis enunciadores e enunciatários dessa charge e qual papel social eles representam.
6. Qual o anti-sujeito da charge?

Os alunos conseguirão entender essas palavras que destaquei? Não seria melhor continuar a fazer algo mais visual, como, por exemplo, identificar com cartões as relações opostas e objetos de valor da charge?

APÊNDICE E - 3ª OFICINA: RECONHECENDO OS ACTANTES PRESENTES NA NARRATIVA

Hoje iremos compreender a narratividade do texto e como um sujeito manipula outro para que este queira ou deve entrar em conjunção com um objeto de valor.

Leia e observe a charge abaixo, em seguida responda as perguntas.



1. Comente a definição semântica distanciamento vs não distanciamento. Quais as figuras presentes na charge representam essa oposição?
2. Qual o sujeito e o anti-sujeito representados na charge?
3. Explique a performance esperada pelo sujeito presente na charge, a partir de um poder fazer. Considerando o sujeito que tem competência para fazer algo sobre a ação exposta.
4. Identifique figuras representativas de possíveis ações do sujeito e do anti-sujeito.
5. Comente o efeito de sentido resultante de possíveis ações deixadas pelas marcas do enunciador e enunciatário.
6. Observe essa oposição semântica combate vs não-combate, em seguida, comente como cada sujeito construído na charge está consolidado: na junção entre ambos os pólos ou exclusivamente em um dos pólos da oposição.

APÊNDICE F - 4ª OFICINA: IDENTIFICANDO AS ESCOLHAS DISCURSIVAS DO SUJEITO DA ENUNCIÇÃO

Chegamos a nossa última oficina, hoje, daremos ênfase nas escolhas do tema e das figuras presentes na charge, mas também, aproveitaremos para relembrar um pouca das oficinas anteriores.

Observe a charge abaixo e responda as questões propostas.



1. Identifique a figura representativa do anti-sujeito e comente o motivo da escolha.
2. Comente sobre a figura que representa o sujeito dessa ação.
3. Identifique os termos considerados eufóricos nessa charge.
4. Identifique as oposições semânticas presentes nas charges.
5. Pense no objeto valor dado na charge e identifique tais valores em função do poder e do dever ser dos sujeitos presentes na charge.
6. A imagem do enunciador e do enunciatário projeta-se nessa charge quanto ao papel social. Justifique, pensando no *poder fazer*.
7. Desataque a importância da imagem do sujeito relacionada com o efeito de comprometimento e indiferença, competência e incompetência.
8. Comente sobre o papel do sujeito leitor, levando a querer e a dever fazer algo sobre o tema propostos nas charges discutidas nessas oficinas.